COLEÇÃO
PLACAR
WWW.PLACAR.COM.BR
Grandes perfis de PLACAR
7 893614 012575
Abril
ED. 1244 | SETEMBRO 2002 | R$ 4,90
Taffarel
Falcão
Valdomiro
Lúcio
astra
Internacional
OS 23 MELHORES PERFIS JÁ PUBLICADOS NOS 32 ANOS DE PLACAR. FALCÃO, CARPEGIANI, NÍLSON, CAÇAPAVA, MAURO GALVÃO, LULA, LUIZ CARLOS WINCK, BATISTA, CLAUDIOMIRO E MUITOS OUTROS
Dunga
Manga
Figueroa

BRASILEIRO EM DOSE DUPLA

PLACAR ataca em 2002 com dois especiais: o tradicional Guia do Brasileirão e um CD-ROM com as fichas completas dos 11 065 jogos de 1971 a 2001

Já está nas bancas o mais tradicional e confiável **Guia do Campeonato Brasileiro**. São 486 fichas e fotos de jogadores, autógrafos e e-mails dos ídolos. E mais: os gols, cartões e estatísticas individuais de todos os jogadores, números que só o banco de dados PLACAR pode oferecer. Grátis tabelas com todos os jogos das Séries A e B. Por 6,90, já nas bancas!

PLACAR lança um **CD-ROM** inédito no Brasil: as 11 065 fichas completas dos jogos do Brasileiro de 1971 a 2001. Com um simples "clic" é possível descobrir todos os jogos de um determinado jogador, os confrontos de dois times, as pesquisas mais diversas. Um banco de dados com 450 mil informações armazenadas em um CD de fácil acesso. Por apenas 6,90, já nas bancas!

Fundador: VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente e Editor: ROBERTO CIVITA
Vice-Presidente e Diretor Editorial: THOMAZ SOUTO CORRÊA
Diretor Editorial Adjunto: LAURENTINO GOMES

Presidente Executivo: MAURIZIO MAURO

Vice-Presidente Comercial: CARLOS R. BERLINCK
Diretora de Publicidade Corporativa: THAIS CHEDE SOARES B. BARRETO

Diretor de Unidade de Negócio: Paulo Nogueira
Diretor de Redação: Sérgio Xavier Filho

Editor Especial: Arnaldo Ribeiro **Coordenação:** Silvana Ribeiro **Atendimento ao leitor:** Alessandra Mennel **Colaboradores:** Leandro Simões (editor), Crystian Cruz (diretor de arte), Alice Ferreira (diagramadora), Alexandre Battibugli (editor de fotografia) e Gisèle de Oliveira (repórter).

www.placar.com.br

Apoio Editorial Depto. de Documentação: Susana Camargo **Abril Press:** Rosi Pereira **Prepress:** Susana Cruz **Publicidade: Diretor de Vendas:** Sergio Amaral **Diretor de Publicidade Regional:** Jacques Ricardo **Diretor de Publicidade Rio de Janeiro:** Paulo Renato Simões **Executivos de Negócios:** Letícia Di Lallo, Marcelo Cavalheiro, Robson Monte, Rodrigo Floriano de Toledo, Leda Costa (RJ) **Gerentes de Vendas:** Marcos Peregrina Gomez (SP), Rodolfo Garcia (RJ) **Executivos de Contas:** Carla Alves, Marcello Almeida, Marcelo Pezzato, Renata Mioli, Vlamir Aderaldo (SP) Cristiano Rygaard, Yam Gellineaud (RJ) **Coordenadora:** Cristina Pessoa (RJ) **Núcleo Abril de Publicidade Diretor de Publicidade:** Pedro Codognotto **Gerentes de Vendas:** Claudia Prado, Fernando Sabadin **Gerente de Classificados:** Francisco Raymundo Neto **Marketing e Circulação: Diretor de Marketing:** Alexandre Caldini Neto **Assistente de Produto:** Carla Felipssimo Soares **Gerente de Marketing Publicitário:** Érica Lemos **Promoções e Eventos:** Marina Decânio **Projetos Especiais:** Cristina Ventura, Cristiana Cardoso e Renato Dantas **Processos:** Alberto Martins e Carla Zucas **Gerente de Processos:** Renato Rozandi e Ricardo Carvalho **Gerente de Circulação Avulsas:** Ronaldo Borges Raphael **Gerente de Circulação Assinaturas:** Eusaldo Nadir Lima Júnior **Assinaturas: Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor:** Ana Dávolos **Diretor de Vendas:** Fernando Costa

Em São Paulo: Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 7221, 15º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel.: (11) 3037-2000, fax (11) 3037-5638 **Publicidade:** (11) 3037-5000, Central-SP (11) 3037 5759 **Classificados:** 0800-132066, Grande São Paulo 3037-2700. **Escritórios e Representantes de Publicidade no Brasil: Belo Horizonte** – Av. do Contorno, 5.919 - 9º andar - Bairro do Carmo, CEP 30110-100, Vania R. Passolongo, tel.:(31) 3282-0630, fax (31) 3282-8003 **Blumenau** – R. Florianópolis, 279 - Bairro da Velha, CEP 89036-150, M.Marchi Representações, tel.: (47) 329-3820, Fax: (47) 329-6191 **Brasília** – SCN Q. 01 Bl. C Ed. Brasília Trade Center, 14º andar sl. 1.408 Tel. 315.7554 **Campinas** – R. Conceição, 233 - 26º andar - Cj. 2613/2614, CEP 13010-916, CZ Press Com. e Representações, telefax: (19) 3233-7175 **Curitiba** – Av. Cândido de Abreu, 651 - 12º andar, Centro Cívico - CEP 80530-000, Marlene Hadid, tel.: (41) 352-2426 Fax: (41) 252-7110 **Florianópolis** – R. Manoel Isidoro da Silveira, 610, Sl 107, CEP 88062-060, Comercial Via Lagoa da Conceição, tel.: (48) 232-1617 Fax: (48) 232-1782 **Fortaleza** – Av. Desembargador Moreira, 2020, sls 604/605 Aldeota - CEP 60170-002, Midiasolution Repres e Negoc em meios de Comunicação, telefax: (85) 264-3939 **Goiânia** – R. 10, nº 250, Loja 2, Setor Oeste, CEP 74120-020, Middle West Representações Ltda, Tels.: 215-3274/3309, telefax: (62) 215-5158 **Joinville** – R. Dona Francisca, 260, Sl 1304, Centro, CEP 89201-250, Via Mídia Projetos Editoriais Mkt e Repres. Ltda, telefax: (47) 433-2725 **Londrina** – R. Manoel Barbosa da Fonseca Filho, 500, Jd. San Fernando, CEP86040-550, Best Seller Repres. Coml, telefax: (43) 325-9649 / 321-4885 **Porto Alegre** – Av. Carlos Gomes, 1155, sl 702, Petrópolis, CEP 90480-004, Ana Lúcia R. Figueira, tel.: (51) 3388-4166, fax (51) 3332-2477 **Recife** – R. Ernesto de Paula Santos, 187, Sl 1201, Boa Viagem, CEP 51021-330, MultiRevistas Publicidade Ltda, telefax: (81) 3327-1597 **Ribeirão Preto** – R. João Penteado, 190, CEP 14025-010, Intermídia Repres. e Publ. S/C Ltda, tel.: (16) 635-9630, telefax: (16) 635-9233 **Rio de Janeiro** – Praia de Botafogo, 501, 1º andar, Botafogo, Centro Empresarial Mourisco, CEP 22250-040, Paulo Renato L. Simões, Pabx: (21)2546-8282. tel.:(21)2546-8100, fax: (21)2546-8201 **Salvador** – Av.Tancredo Neves, 805, Sl 402, Ed.Espaço Empresarial, Pituba,CEP 41820-021, AGMN Consultoria Public. e Representação, telefax: (71) 341-4992 / 4996 / 1705 **Vitória** – Av. Rio Branco , 304, 2º andar, Loja 44, Santa Lúcia, CEP 29055-916, DU'Arte Propaganda e Marketing Ltda, telefax (27) 3325-3329 **Escritório no Exterior: Portugal - Importação Exclusiva e Comercialização:** Abril-Controljornal-Editora, Lda., Largo da Lagoa, 15C, 2795 Linda-a-Velha, tel.: (003511) 416-8700, fax: (003511) 416-8701. **Distribuição:** Deltapress-Sociedade Distribuidora de Publicações, Lda., Capa Rota, Tepada Nova, Linhó, 2710 Sintra, tel.: (003511) 924-9940, fax: (003511) 924-0429

Publicações da Editora Abril Veja: Veja, Veja São Paulo, Veja Rio, Vejas Regionais, Tudo **Negócios:** Exame, Exame SP, Você S/A, Meu Dinheiro **Jovem:** Playboy, Capricho **Abril Jr.:** Recreio, Witch, Disney, Heróis, Almanaque Abril, Guia do Estudante **Estilo:** Claudia, Nova, Nova Beleza, Elle, Vip **Turismo e Tecnologia:** Info Quatro Rodas, Superinteressante, Viagem & Turismo, Guias 4 Rodas, National Geographic **Casa e Família:** Casa Claudia, Arquitetura & Construção, Bons Fluidos, Claudia Cozinha, Saúde, Boa Forma **Alto Consumo:** Viva Mais!, Ana Maria, Contigo, Minha Novela, Manequim, Manequim Noiva **Fundação Victor Civita:** Nova Escola

PLACAR nº 1244 (ISSN 0104-1762), ano 33, é uma publicação da Editora Abril. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

Serviço ao Assinante: Grande São Paulo: 3990-2112, Demais localidades: 0800-704-2112
Para assinar: Grande São Paulo: 3990-2121, Demais localidades: 0800-701-2828

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 CEP: 02909-900 Freg. do Ó - São Paulo - SP

ANER

Presidente e Editor: ROBERTO CIVITA
Gabinete da Presidência: JOSÉ AUGUSTO PINTO MOREIRA, MAURIZIO MAURO, THOMAZ SOUTO CORRÊA
Presidente Executivo: MAURIZIO MAURO

Vice-Presidentes: CARLOS R. BERLINCK, CESAR MONTEROSSO, GIANCARLO CIVITA, JOSÉ WILSON ARMANI PASCHOAL, VALTER PASQUINI
www.abril.com.br

SÉRGIO XAVIER FILHO
DIRETOR DE REDAÇÃO

Tesouros no armário

Ele tem 1,80 m, pesa uns 200 quilos, é largo como um armário. Está sempre no cantinho da redação, meio encostadão na parede. Sabe tudo o que aconteceu no futebol brasileiro dos últimos 32 anos e guarda lembranças de todos os ídolos dos nossos clubes. Se fosse um ser humano, mereceria toda a reverência do mundo. O nosso armário das encadernações é o maior patrimônio da PLACAR. Lá estão 1233 edições (fora os especiais) encadernadas em 128 volumes. Vivemos abrindo suas portas, tirando dúvidas ou simplesmente nos deliciando com alguma matéria que tenha marcado. Esse tesouro merecia ser dividido com mais gente. No ano passado, lançamos a "Coleção 13 clubes", contamos em 13 revistas as melhores reportagens de Flamengo, Vasco, Fluminense, Botafogo, Corinthians, Palmeiras, São Paulo, Santos, Grêmio, Internacional, Cruzeiro, Atlético-MG e Bahia publicadas desde março de 1970. O enfoque nessa primeira série eram as conquistas, as reportagens que contaram os principais títulos dos clubes. Agora atacamos forte nos perfis, os grandes ídolos de cada época.

Selecionar os melhores perfis do Inter (e os do Grêmio também) foi um mergulho pessoal nos anos setenta. Lembrei-me mais especificamente das quartas-feiras, dia que a PLACAR semanal chegava nas bancas da minha Porto Alegre, dia que eu encarava a broca do dentista em troca da revista predileta. Era o truque da minha mãe, e dava certo. Eu quase nem ligava para a tortura. Os textos de Divino Fonseca e as fotos de J.B. Scalco compensavam tudo. Falcão, Batista, Valdomiro foram alguns dos personagens da época. Depois tive o prazer de ler, e, bem mais tarde, de escrever e editar textos de Taffarel, Fabiano, Lúcio. E a parte boa é que aí eu não precisava mais enfrentar o dentista para ler a minha PLACAR.

Claudiomiro chegou ao Inter quando tinha apenas 13 anos. Aos 16, já era titular do time principal, tornando-se campeão gaúcho em 1969, ano de inauguração do Beira-Rio. Por sinal, foi ele o autor do primeiro gol no estádio. Pena que os quilos a mais tenham atravancado sua carreira.

Um goleador, um ídolo quase gênio: Claudiomiro

POR DIVINO FONSECA

VINTE ANOS, 1,68 M, PEITO LARGO, QUE JÁ LHE DEU A FAMA DE CENTROAVANTE VALENTE. FUTEBOL LIMPO E CLÁSSICO, VOLTADO SÓ PARA O GOL. SEU NOME: CLAUDIOMIRO, MAIOR ÍDOLO DO SUL

A bola é jogada entre os beques do Esportivo, a torcida do Internacional desanima. Ninguém acredita que alguém ainda possa alcançá-la. Mas um crioulo baixo, de peito largo, sai correndo como louco, alcança-a e fica só com o goleiro pela frente.

Vai sair um chutão de arrebentar a rede – pensa a torcida. Mas Claudiomiro, com seus 20 anos, quer mostrar a todos o seu progresso no ofício de fazer gols: desloca o goleiro com uma ginga de corpo, toca a bola para o lado e coloca-a levemente nas redes. Cumprida a missão, sai de braços abertos, correndo e gritando.

O Internacional ganhou o jogo por 1 x 0, mas esse era o quinto gol de Claudiomiro em seis jogos do Campeonato Gaúcho. E representava, mais do que isso, uma nova imagem de Claudiomiro:

– Hoje, muita gente se surpreende com essas minhas jogadas. É que, desde 67, quando eu saí dos juvenis, todos só viam em mim o centroavante raçudo, que resolvia jogos na base da coragem. Mas um jogador se aperfeiçoa até os 26 anos. E eu estou me aperfeiçoando, aprendendo.

Ivo Correia Pires, supervisor do Inter, elogiava o futebol de Claudiomiro desde o seu tempo de redator do jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre. Agora, Ivo acha que, pelo menos para jogar no Brasil, Claudiomiro não precisa aprender mais:

– Ele é, sem dúvida nenhuma, o maior atacante do Rio Grande do Sul. No Brasil, ele é um dos poucos centroavantes que entram em campo com todos os sentidos voltados unicamente para o gol. Comparo-o a Flávio, César e Dario, mas é melhor que todos eles.

Em fama, Claudiomiro já superou Alcindo, até há pouco tempo o maior ídolo do sul.

A única desilusão da carreira de Claudiomiro, até hoje, foi com a Seleção Brasileira: sabia que seu nome estava na lista dos quarenta, e descobriu também outra coisa importante, que deixou de existir quando Saldanha foi demitido:

– Ele mandou um recado para mim, pelo seu Daltro Meneses, avisando que gostava muito do meu jogo. E que eu seria convocado.

São coisas assim, conseguidas aos 20 anos, que fazem de Claudiomiro o maior ídolo do Inter, que fazem a torcida gritar por ele e os dirigentes considerá-lo um gênio.

Desde que começou nos infantis do Inter, aos 14 anos, ele sempre foi o homem dos gols, o artilheiro do time. Em 1966, no Brasileiro de Juvenis, disputado em Belo Horizonte, fez nove gols, só perdendo a liderança da artilharia para o carioca Dionísio, hoje no Flamengo.

Em 1967, o Inter contou com mais de dez centroavantes, mas só conseguiu realmente fazer gols quando o então técnico Sérgio Moacir decidiu tirar Claudiomiro dos juvenis. A partir desse dia, a torcida colorada deixou de recordar com saudade os tempos de Adãozinho, Larri, Bodinho e Flávio, seus antigos centroavantes.

Claudiomiro, para todos no sul, é muito precoce. Ivo Correia Pires explica qual o porquê disso:

– Ele é um homem feito desde os 16 anos. O pai, Elpídio Ferreira, tinha dificuldades em sustentar a mãe de Claudiomiro, Dona Delaide (uma preta criada por alemães, e origem do sobrenome Streis do jogador). Havia também dois garotinhos, Flávio e Ivan, que mal podiam ajudar o pai, fazendo carretos com uma carrocinha em Canoas (interior do Rio Grande). Por isso, quando subiu para os juvenis, Claudiomiro passou a mandar todo o dinheiro que ganhava para a família. Ele era, praticamente, o chefe.

Isso influía nele fora do campo, andava sempre sério, evitando as brincadeiras dos companheiros.

Jorge Andrade, lateral do Internacional, lembra que, para chamá-lo pelos apelidos que tem (Dog Cachorrão), era preciso esconder-se e gritar de longe:

– Ele voltava e mandava que, se fosse homem, aparecesse quem o havia chamado. Hoje, ele está mais aberto. Mas continua o mesmo bom-caráter de sempre.

No campo, Claudiomiro recebe pancadas, cotoveladas, todo tipo de jogadas desleais. Sua reação é quase sempre a mesma:

– Eu sorrio para eles.

Só uma vez, até hoje, esse sorriso desapareceu e transformou-se numa máscara de raiva: foi no jogo contra o Novo Hamburgo, no Campeonato de 1969. Claudiomiro estava caído e o beque largou a bola para pisar-lhe com força na mão. Esse beque, em vez do sorriso, recebeu um murro na cara.

– Aquilo não era papel de homem. Não se dá pancada sem bola. Por isso eu revidei.

A torcida do Inter, às vezes, tem medo de que seu ídolo esteja se distanciando dela e acusa-o de mascarado. Coisa que Claudiomiro nunca foi. Sempre foi simples e humilde, sempre se preocupa mais com os outros do que consigo mesmo.

Claudiomiro, fora do campo, é apenas um rapaz como os outros de sua idade: gosta de Roberto Carlos, de filmes de bangue-bangue e de um passatempo especial: ir com seu Corcel vermelho até Canoas, ver a família o os velhos amigos. Sua vida continua sendo mais de um rapaz comum do que de um ídolo. Mas Claudiomiro tem um sonho: jogar ao lado de Tostão na Copa de 1974.

Contra os inimigos do Grêmio: Claudiomiro fez gols e história com a camisa colorada

Quando o Inter vendeu Carbone, Tovar pensou que seria absoluto. Porém um garoto tomou-lhe a camisa 5. E esse garoto era ninguém menos do que Paulo Roberto Falcão, que viria a se tornar o grande ídolo da torcida colorada e dor de cabeça para os times adversários.

Falcão executa o Atlético na semifinal do Brasileiro de 1976: ídolo colorado

O vôo do Falcão

O TÉCNICO ACHA QUE ELE REÚNE AS QUALIDADES DE CARBONE E TOVAR: TANTO DEFENDE QUANTO ATACA. A TORCIDA, ENCANTADA COM SEU JOGO VIRTUOSO, JÁ PENSA EM FALCÃO NA SELEÇÃO POR DIVINO FONSECA

Foi só o Internacional vender Carbone ao Botafogo, no mês passado, para todos acharem que estava terminada a briga pela camisa 5. Dali para diante, dizia-se, ela seria apenas de Tovar, o rival dos últimos três anos, um jogador que mostrou qualidades para se manter no time mesmo quando Carbone voltou da Seleção.

A certeza durou exatamente duas partidas e meia. No segundo tempo do jogo com o Cruzeiro, dia 2 deste mês, no Beira-Rio, entrou em campo um rapazola magro, alto, louro, com tanto futebol que até agora não devolveu a camisa. Naquele dia se materializou uma nova certeza: no mínimo, estava começando outra luta — e essa, aparentemente, bem mais dura para Tovar.

Em sua estréia, Falcão não conseguiu evitar a derrota (quando entrou, já estava 1 x 0), mas o que mostrou em campo serviu de compensação para a torcida. E até agora, no meio da campanha de altos e baixos do Inter, seu futebol permanece o mesmo: requintado e eficiente.

Carbone + Tovar

Dino Sani mal consegue conter sua euforia ao explicar a ascensão do novo ídolo:

— Eu tinha o Carbone para a cobertura dos beques, Coisa que ele faz como poucos. O Tovar sobe mais e lança muito bem. Acontece que o Falcão reúne as qualidades dos dois. Era só esperar a hora certa de lançá-lo. Agora aí está ele, jogando uma barbaridade e com tudo para se tornar um dos grandes jogadores do Brasil.

Entre os colegas, o cartaz de Falcão é o mesmo. Valdomiro brinca:

— É catarinense, só podia dar coisa boa. Na parte que me toca, não tenho o que reclamar; lançamentos longos não têm faltado.

Djair chega a exagerar:

— O que falta para o Falcão? Ser chamado para a Seleção.

Claudiomiro lembra o tempo em que estudou com Falcão no Grupo Escolar La Salle, em Canoas:

— Ele era franzino, um pingo de gente, mas bom de bola. Com nove anos já mostrava que seria um craque.

Ídolo do ídolo

Figueroa explica por que acredita em Falcão:

— Ele não é daqueles que surgem da noite para o dia. Para nós, ele não é uma surpresa; sempre comentávamos que Falcão ia fazer sucesso desde o primeiro jogo.

E Paulo Roberto Falcão, 1,80 m, 71 kg, catarinense de Xanxerê, às vésperas de completar vinte anos (dia 10 de outubro), o que está achando de tudo isso? Reservado, caladão mesmo, porém demonstrando uma boa dose de autoconfiança, o rapaz desliga o toca-fitas do carro (comprado há dois meses) e dá o seu recado:

— Estou tranqüilo. Eu já sabia mais ou menos que teria a minha chance, porque o Dino gosta de lançar jogadores novos. Está tudo acontecendo naturalmente. O Dino não inventa; então, eu vou lá e jogo o meu jogo. Está dando tudo certo.

Não se pode dizer que tenha sido uma ascensão repentina. No torneio que a Seleção de amadores disputou em Cannes, no ano passado, Falcão foi eleito "O Jogador Mais Elegante" pelos jornalistas franceses. Pouco depois, na preliminar do jogo do combinado Gre-Nal com a Seleção Brasileira, 100 000 pessoas se entusiasmaram com a naturalidade com que ele comandou os olímpicos à goleada sobre o Hamburgo, da Alemanha. Nas Olimpíadas, porém, entrou pelo cano.

— Joguei o segundo tempo contra a Dinamarca, os 90 contra a Hungria, e saí machucado aos 25 minutos do jogo com o Irã. O fracasso do nosso time também me serviu como experiência.

Falcão passa a mão no cabelo encaracolado e recorda as experiências de sua infância ainda recente:

— Sabe, minha história é diferente da maioria. Pra começar, eu era um garoto muito quieto e, ao contrário de muitos outros, meu pai me incentivava a praticar esporte; ele me comprava uma bola por mês. E eu, apesar de ser o dono da bola, jogava no gol. Até que levei uma bolada no olho e resolvi jogar na linha.

Aos 11 anos, Pedro — o irmão mais velho — levou-o à escolinha do Internacional, dirigida por Jofre Funchal.

— Plenamente aprovado, me disse o Jofre. Lembro como se fosse hoje. E nunca mais saí do Inter.

Foi subindo de categoria, jogando de volante ou de armador, sempre ganhando elogios dos técnicos. Mas o pai, Bento, via todos os jogos e, com sinceridade, não acreditava que um dia Falcão chegasse ao primeiro time.

— Eu entrava na área e dava o passe ao companheiro bem colocado. O velho não se conformava. "Você tem de fazer gols, menino, gols", ele me dizia. Sabe como é pai, né?

"Os elogios entram por aqui e saem por aqui. Pelo que eu já vi por aí, quem elogia hoje pode estar malhando amanhã"
FALCÃO

Quando Antoninho foi vê-lo nos juvenis, onde jogava de médio-volante, antecipou que o usaria como armador na Seleção amadora. Certamente por achar, como muitos ainda hoje, que Falcão deveria ficar mais livre, para espalhar sua categoria por todo o campo.

Para Falcão tanto faz, mas para Figueroa seria uma pena se ele saísse de onde está.

— O guri tem uma colocação sensacional. Quando o goleiro lança a bola com o pé, pode-se contar que é dele.

Com Dino, Falcão será sempre médio-volante.

— Além das qualidades que já citei, ele possui a de comandar um avanço sereno da defesa.

Só um defeito

De repente, a gente se dá conta de que, mesmo tendo jogado poucas partidas, Falcão só tem recebido elogios. Não haveria o perigo de ele se mascarar? Dino acha que não, argumentando que a máscara só aparece em jogadores emocionalmente desequilibrados. O garotão aponta um ouvido, depois o outro, e responde sem mudar a fisionomia:

— Os elogios entram por aqui e saem por aqui. Pelo que eu já vi por aí, quem elogia hoje pode estar malhando amanhã. De qualquer maneira, não estou livre de ser chamado de mascarado, mesmo não sendo.

Falcão tem defeitos e está consciente deles. O principal: não sabe cabecear. Nos treinos, enquanto os outros batem bola, ele pratica as cabeçadas.

— O Dino me alertou para isso, e ele tem razão. Desde garoto eu cultivei um certo virtuosismo; tinha vergonha de passar uma bola quadrada. Quando ela vinha pelo alto, sempre matava no peito. Mas nos profissionais, com a responsabilidade do conjunto, a gente tem de simplificar. Agora, recebo e toco. O Figueroa conta que também era assim quando jogava de médio-volante, mas aprendeu. Eu estou tentando aprender.

Mas, no final das contas, Falcão está muito mais para craque do que para aprendiz. Pena que ele tenha entrado num momento em que o ataque do Internacional praticamente não existe. As contusões já atingiram Valdomiro, Jangada, João Ribeiro, Escurinho, Borjão, Claudiomiro e Volmir. Mas Falcão acha que o simples retorno de seu ex-companheiro de escola vai melhorar as coisas.

— O Claudiomiro preocupa dois beques, no mínimo. Aí fica mais fácil para o nosso meio-campo. O Paulo César e o Djair vão poder entrar mais. No Campeonato Gaúcho, os dois foram os goleadores do time assim.

Satisfeito com o apoio que recebeu de todos, Falcão agora só pensa na recuperação do time, na classificação, no título. Está integrado e procura evitar comentários sobre a bronca de Tovar, quando soube que estava barrado.

— Até continuo a comprar na loja dele. Na verdade, não gosto de julgar as outras pessoas. Só posso dizer que vou continuar tão tranqüilo quanto agora, mesmo se sair do time. O importante é confiar em si mesmo.

O grande craque do pentacampeonato gaúcho foi um homem sério que chegou ao Inter como um bebê chorão. Carpegiani defendeu o Internacional de 1970 a 1977. Habilidoso, em sua passagem vitoriosa pelo time deu grandes alegrias à torcida, que também comemorou o Brasileiro de 1975/76.

O Sr. Paulo César

POR DIVINO DA FONSECA

NA PRIMEIRA VEZ QUE FOI BARRADO, ARRUMOU AS MALAS E VOLTOU PARA EREXIM. AOS POUCOS, ENTENDEU QUE PRECISAVA LEVAR O FUTEBOL A SÉRIO, FAZENDO VALER SUA CLASSE E FÔLEGO

Paulo César está sentado no sofá de seu confortável apartamento, conversando tranqüilamente sobre as coisas do futebol. Quando ouve um choro de bebê, dá um pulo.

— Com licença? Tenho de ajudar a Zeni a dar banho no piá.

Depois volta falando como um entendido sobre horários de banhos e refeições e das manhas de um bebê na idade de Alessandro — um mês e meio. Paulo César Carpegiani, 24 anos, casado há menos de um, é realmente um pai zeloso.

Esse senhor com fisionomia de adolescente e sorriso fácil é o meia-armador do Internacional, um dos responsáveis diretos pelo pentacampeonato gaúcho.

No entanto, quando veio para os juvenis do Inter, em 1968, Paulo César era um adolescente manhoso, que à menor contrariedade se emburrava e ameaçava deixar o futebol. Mas soube evoluir — tanto que, hoje, pode ser visto como uma síntese da evolução do próprio time nesta série de cinco títulos consecutivos.

— Pois é, quando subi para os profissionais, em 1970, um diretor chegou a dizer que eu não ia longe com minha mania de pisar na bola e dar toques para os lados.

O melhor do ano

Este ano, por unanimidade, a imprensa gaúcha elegeu esse jogador de fôlego de gato e dribles rápidos como o craque do campeonato. Paulo César recebe as honrarias com a mesma humildade com que reconhece seus antigos defeitos. Só pede para explicá-los.

— Para um cara que passou toda a infância e parte da adolescência jogando só futebol de salão, é fácil entrar num time de futebol e se firmar logo. Ainda mais jogando no meio-campo. Só com o tempo a gente pega aqueles macetes de parar a bola, tocar para trás, lançar: mas o time do Internacional foi se aperfeiçoando, e eu acho que também cresci junto.

"Enquanto estava na reserva, eu só pensava em ir embora. Eu era apressadinho mesmo"
PAULO CÉSAR CARPEGIANI

Paulo César não participou da campanha de 1969. Carbone, Tovar e Dorinho jogavam no meio-campo. Era a época das vitórias magras, com o time todo na defesa, só lançando para os contra-ataques.

Naquele ano, Paulo César era médio-volante dos juvenis, levando a bola de uma área à outra como se estivesse numa imensa quadra de futebol de salão. Mas no ano seguinte, apesar das profecias, ele já foi útil aos profissionais, substituindo Dorinho quando o técnico Daltro Meneses queria armar seu 4-3-3 pelo meio.

Os outros também já confiavam em seu futebol; aquele jeito serelepe de conduzir a bola, desviando dos adversários, encantava a torcida. Mas ele ainda tinha dificuldades para tabelar com Claudiomiro ou lançar Valdomiro. O Inter foi bicampeão com um rendimento semelhante ao do ano anterior e sem que Paulo César tivesse se firmado na equipe.

Boa profecia

— Mas em 1971, quando o Daltro caiu e começaram a falar em Dino Sani, o Bráulio chegou para mim e fez uma profecia: "Com esse você é titular; o homem gosta do futebol bem jogado". Quase que eu jogo a grande chance pela janela. Veja só: o Dino ia observar o time pela primeira vez, num amistoso no interior, e eu inventei uma contusão. Eu era noivo da Zeni e não queria perder um baile. Sorte a minha que o Dr. Horácio viu que era manha e ameaçou internar-me na enfermaria. Aí eu fui jogar e o Dino gostou.

Gostou tanto que imediatamente Carbone e Tovar passaram a disputar uma posição, em vez de jogarem juntos. A outra, dali para diante, pertenceria a Paulo César, porque Dino queria "um armador mais agressivo".

Foi o ano do tricampeonato, conquistado por antecipação.

— Sabe como é, eu me sentia responsável pelo meio e não me arriscava a pôr em prática jogadas que tinha na cabeça.

Isso mudou com a chegada de Figueroa, quase ao final do Campeonato Brasileiro daquele ano, todos achavam.

— O homem deu uma confiança fora do comum para o time. Não tem como ele; é um anjo da guarda.

Ninguém se beneficiou mais com a chegada do chileno do que Paulo César.

— Eu senti que lá atrás não havia mais problema e me preocupei em atacar mais, em fazer o jogo que eu gosto.

O Internacional foi tetra em 1972, com uma média de 2,4 gols por jogo.

Este ano, Paulo César ficou ainda mais livre e pôde mostrar um progresso capaz de entusiasmar o crítico mais exigente: cadenciou as jogadas no meio, criou.

E há um dado importante: enquanto a defesa, com Figueroa e tudo, levava mais do dobro de gols do ano passado (de 0,2

para 0,5 por jogo), o ataque baixou apenas para 2 gols por partida, embora tenha passado 50 dias sem Claudiomiro e 30 sem Valdomiro. Figueroa explica:

— Nós estávamos desfalcados, mas os adversários nunca puderam sentir-se mais confiantes: a presença do Paulo César não deixava. O garoto é um craque.

Para o técnico

Apesar do progresso técnico e tático, o que mais impressiona em Paulo César ainda é o fôlego. O preparador físico Gilberto Tim conta:

- No dia em que ele voltou da lua-de-mel, nós estávamos fazendo um teste de Cooper. Sabe quem foi o melhor? Pois é.

Consciente de seu progresso, Paulo César prefere, porém, dar os méritos para o Dino, que na hora ruim soube armar um bom time com os jogadores disponíveis. Mas o maior mérito do técnico é valorizar ao máximo o seu craque. À menor contusão, poupa-o do treino. Depois, vai à sua casa para orientar dona Zeni sobre o que ela pode fazer para apressar a cura. Talvez seja excesso de zelo de Dino, pois Paulo César amadureceu.

— Eu vim para o Internacional, mas poderia ter ido para o Grêmio. Meu negócio era me manter enquanto estudasse engenharia. Na véspera de minha viagem, o Chiquinho, técnico dos juvenis do Grêmio, telefonou para Erexim e disse que ia me esperar na entrada de Porto Alegre para conversarmos. Eu topei, porque não tinha nenhuma preferência pelo Inter. O azar dele é que o carro enguiçou e eu só cheguei no dia seguinte. Como só conhecia o endereço do Internacional, fui para lá.

Jogou seis meses nos juvenis e impressionou o técnico dos profissionais, Osvaldo Rolas, que o escalou em amistosos.

— Fiquei todo entusiasmado e já nem pensava na engenharia. Mas o homem, com medo de me queimar, me devolveu para o juvenil e eu me desiludi. Peguei minhas malas e voltei para Erexim.

Vinte dias depois, o técnico dos juvenis — Abílio Reis — conseguiu trazer de volta o garoto manhoso.

— Aí tive de disputar a posição, como era natural. Mas naquela época eu não achava nada natural; enquanto estava na reserva, eu só pensava em ir embora. Eu era apressadinho mesmo.

Mudou, muito. Hoje Paulo César não tem mais pressa. Não é mais criança; é, de verdade um senhor meia-armador. ○

J. B. SCALCO

Paulo César Carpegiani: sem trocadilhos, ele tinha mesmo perfil de ídolo

Escurinho 1973

A torcida do Inter não gostava dele, mas o time sempre melhorava com a sua entrada. Considerado um dos melhores cabeceadores que já passaram pelo Internacional, Escurinho parecia predestinado: sempre entrava no segundo tempo para definir a parada.

POR DIVINO FONSECA

Escurinho é um crioulo direitinho

E AGORA DEU PRA ESSA MANIA DE ARTILHEIRO. COM SEU FUTEBOL DE TOQUES PERFEITOS, EXCELENTE CABECEADOR, OBJETIVO, VAI MARCANDO OS GOLS – OU ENTÃO DANDO OS PASSES PARA OS OUTROS . É ELOGIADO POR TODOS, MENOS NO SUL

Para a torcida colorada, a frieza com que ele calcula as jogadas é um defeito e suas tentativas de tranqüilizar os companheiros não têm valor algum. Não interessa que seja o artilheiro do time e o vice do Campeonato Brasileiro (posição que ocupava até o jogo de domingo contra o Coritiba), nem que a maioria dos outros gols do Internacional tenha saído de seus pés — embora ficando de fora em alguns jogos e entrando como reserva em muitos outros. Escurinho está marcado, lutando entre o destino de Sérgio, que foi derrotado pelas vaias, e o de Valdomiro, que as venceu.

O crioulão de 1,82 m e 23 anos, de andar e gestos aparentemente tranqüilos, abre um vasto sorriso, mostrando a dentadura muito branca e perfeita. Aponta para as arquibancadas vazias, referindo-se à torcida.

— Pois é, parece que ela não é muito chegada.

O tom da voz é de conformismo, mas percebe-se que ele se sente injustiçado. Contra o Paysandu, Bahia, Tiradentes, Sport, Moto Clube, São Paulo e Figueirense marcou gols importantes e até a décima quinta rodada participara de apenas quatro jogos completos.

— Não adianta, viu. Ela não se liga. Contra o São Paulo errei a primeira jogada e ouvi o zumzum. Na segunda vieram as vaias. Depois fiz um gol e dei o passe para o outro, mas senti que eles me aplaudiram assim como se eu não tivesse feito mais do que a obrigação.

Conformado

Escurinho sabe que jamais poderá ser ídolo no Internacional. Ele não se sente na obrigação de agradar a torcida com jogadas enfeitadas, nem sabe correr como louco atrás da vitória. Nunca será, por exemplo, como o veloz e trom-

bador Volmir, para quem os aplausos estão reservados, seja qual for o resultado da jogada.

— O engraçado é que não tenho pretensões a ídolo, entende? Aquilo de ser carregado nos braços nunca passou pela minha cabeça. Eu jogo porque gosto. Futebol é lindo, é uma coisa que se faz com a inteligência, e me sinto feliz participando do jogo.

Mas ele sabe por que a torcida custa a aceitar seu estilo. E sorri mais, como que contente por ter descoberto.

Gozador

— Para quem ganhou tantos campeonatos vendo Valdomiro, Claudiomiro e Volmir é difícil aceitar alguém como eu. Eles vêem esse baita corpo e acham que eu devo dar trombada. Acho até que se poderia juntar os dois estilos, um completando o outro. Mas se não dá, paciência. Não posso mudar.

Pensa um pouco e fala em tom de brincadeira, como quem não quer ser julgado pretensioso: — Quem sabe se estivesse no Rio ou em São Paulo não seria considerado um grande craque? De fato, os maiores elogios para Escurinho vêm sempre de fora. Ou de quem está há pouco tempo no Rio Grande do Sul, como Tarciso, do Grêmio.

— Pra mim, ele é o melhor atacante do Inter. Não sei por que não é escalado.

Para Dino, existe um motivo:

— O Escuro é muito humilde. O principal para um jogador ganhar uma posição é confiar em si mesmo. Ele gosta é de entrar no segundo tempo. Se decidir o jogo, é a glória; se não, o compromisso não é dele. O Escuro é craque, só precisa fechar os ouvidos à torcida e acreditar mais nele.

Escurinho nunca encontrou nos profissionais as condições que tinha nas divisões inferiores do Internacional. Lá, não havia torcida julgando, comparando-o com outros — vaiando. E ele era o goleador de todos os campeonatos — três nos infantis, três nos juvenis.

Quem o via em suas passadas compridas, criando jogadas para o centroavante, chutando a gol, pulando mais alto do que os beques adversários, imaginava-o como seria em dupla com Claudiomiro. No ano de sua promoção a profissional, jogou em sua verdadeira posição: entrava de vez em quando no meio dos jogos. Foram oito chances que Daltro lhe deu — e oito gols. Mas o técnico já tinha o célebre problema Bráulio-Sérgio para resolver e, além disso, no ano seguinte Escurinho estourou os meniscos, ficando seis meses parado.

Foi para o interior, jogou o resto de 1971 no Gaúcho e no Farroupilha para recuperar a forma. Em 1972, quando voltou, Dino só tinha a ponta esquerda para ele, mesmo assim para revezar com Volmir, outro ídolo da torcida.

— Pra mim, nunca teve problema esse negócio de posição, Sabe? O importante é que o Dino nunca quis mudar minhas características. Eu tinha liberdade para jogar como sabia. Só me grilava e continuo a me grilar é quando a torcida começa a atrapalhar o meu trabalho. Para uma obra sair bem feita é preciso paciência, né?

Salvador

Dino acha que a superação do medo só depende do próprio Escurinho. No entanto, o pé-quente, o homem que entrava na hora do desespero para resolver o jogo com uma cabeçada, é uma criação do próprio técnico. E, além dos titulares, Escurinho sempre teve de enfrentar os reservas que eram contratados para a posição — João Ribeiro, Lica, Zé Antônio e Borjão.

"Não tenho pretensões a ídolo, entende? Aquilo de ser carregado nos braços nunca passou pela minha cabeça. Eu jogo porque gosto. Futebol é lindo"
ESCURINHO

— Eu já pensei em largar o futebol, sabe? Mas isso faz muito tempo. Primeiro, nos infantis, quando minha mãe só queria que eu estudasse; depois, nos juvenis, quando tinha de trabalhar para ajudar em casa. O Internacional assinou o contrato de gaveta e tudo ficou resolvido. Mas, agora, esse negócio de largar tudo nem passa pela minha cabeça. Sou vaiado, mas tenho consciência de que dou o máximo de mim.

Valdomiro, o homem que venceu as vaias, certa vez tomou a decisão de voltar para Santa Catarina e só não voltou porque os dirigentes, que sempre o apoiaram, lutaram para demovê-lo da idéia. Vaiado e sem muito apoio, Escurinho se refugia na família — a mulher Sônia e a filhinha Síntia, de 1 ano — e no violão.

— Síntia porque eu prometi à minha mulher que, se o nenê que ia nascer fosse menina, o nome começaria com S. Depois, fiquei gostando do nome Cíntia. Foram três meses de luta, com advogado e tudo, para convencer o homem do cartório. Eu queria homenagear minha mulher e ele acabou compreendendo.

Sambista

O violão é outro amigo das horas de tristeza. Para quem já o viu na tevê, há uns três anos, ele é um excelente intérprete e compositor de sambas. Escurinho conta que Carbone levou umas fitas para o Rio, para mostrar a Jorge Ben. Quase todas as letras são tristes, como se ele se inspirasse em sua vida de jogador.

"Do lado esquerdo do peito, tic-tac vai morrendo. Sinto esvaziar meu corpo, escravo dos meus pensamentos, as forças estão me abandonando, mas não chorem, eu não estou chorando."

— Se tudo der certo, o Brasil vai conhecer o Luís Carlos Machado — diz ele em mais um de seus sorrisos.

— Mas, falando sério, eu não quero deixar nunca de ser o Escurinho. Quando vou à casa da Erondina, minha mãe, ela fala que se tivesse seguido os conselhos dela não estaria aí sendo vaiado. Mas sempre digo que é do futebol que gosto e que um dia vai melhorar. Melhorar, melhora — é só ele continuar como está. Mesmo sem dar trombadas, a torcida um dia vai ter de aceitar seu futebol inteligente, de toques certos, objetivo — e de muitos gols.

Polêmico e brigão, o jogador fez parte do time de ouro do Internacional, aquele que conquistou o bicampeonato brasileiro de 1975/76. Também ganhou o Gaúcho de 1974, 75 e 76. Suas brigas e faltas a treinos eram desculpadas porque, no jogo, infernizava a vida dos adversários.

O que o Inter espera de Lula

MUITO FUTEBOL E POUCA BRIGA É O QUE O CLUBE QUER. QUANTO AO FUTEBOL, NÃO DEVE TEMER. QUANTO ÀS BRIGAS, GARANTE QUE CRIARAM UMA IMAGEM FALSA

POR DIVINO FONSECA

Lula criava problemas no Inter, mas muito mais para os inimigos

Em 1957, Chinesinho pediu ao técnico Teté para ser escalado no meio-campo. Depois disso, dezenas de pontas-esquerdas passaram pelo Inter. Alguns bons, como Deraldo, em 1959, e Gilberto Andrade, em 1961. Outros, medíocres, irregulares ou improvisados. Nenhum, como Chinesinho, conseguiu conquistar a torcida exclusivamente por sua técnica — o que exclui Volmir, ídolo pela valentia.

Agora, a angustiosa espera chegou ao fim: Lula foi contratado.

— Estou feliz, feliz mesmo, sabe? Eu queria sair do Fluminense e isso não era segredo para ninguém. Desejava ganhar dinheiro, arrumar minha vida. Mas quem me ouvia pode confirmar: se pudesse escolher, eu iria para um clube de massa, de torcida barulhenta. A do Fluminense é legal, mas eu não me identificava muito com ela, que é meio grã-fina.

O Inter gastou alto para conseguir Lula: pagou por seu passe Cr$ 800 000, encarregou-se dos 15% do jogador e ainda lhe garantiu salários de Cr$ 18 000.

Viver folgado

— É um bom dinheiro. Posso viver folgado, morar numa casa confortável, aumentar a mesada que envio para os meus pais e alguns de meus doze irmãos que vivem no Recife. O Fluminense é um grande clube, mas, pensando bem, não é o ideal para quem deseja fazer independência financeira com o futebol, mas sim para quem começa. Tem aquele teto de Cr$ 13 000, que era meu ordenado, e dele não passa. E esse salário eu só consegui ano passado, por ter chegado à Seleção Brasileira. Foi meu único bom contrato neste tempo todo.

— No primeiro, em 1964, eu ganhava Cr$ 120,00. Em 1967, já com meu nomezinho, recebia apenas Cr$ 750,00. Agora, os gaúchos pagam bem, melhor do que os cariocas na média. Não vejo nisso decadência do Rio. Os outros é que cresceram, construíram estádios, receberam apoio de seus torcedores.

Na verdade, a contratação de Lula só foi possível com a ajuda de todos. Ao assumir, em janeiro, o presidente Eraldo Hermann declarou que a caixa estava vazia. Aí, os dirigentes anunciaram a vinda de Lula e puseram dois representantes a percorrer firmas de colorados para arrecadar

um mínimo de Cr$ 10 000 de cada uma. Nos primeiros três dias haviam conseguido Cr$ 300 000. Agora, os dirigentes fazem os cálculos, para tirar do dinheiro que gastaram o máximo lucro.

Lula sabe que tudo será exigido dele. Em campo, que seja um ponteiro que drible, que vá à linha de fundo, que chute a gol. Fora, exatamente o contrário do que se diz de suas atitudes no Fluminense. Isso não apenas no Brasileiro, mas também no Campeonato Gaúcho, com seus campos esburacados e marcadores ferozes.

— Sei disso e não tenho o que esconder. Todos sabem que não sou de rebolar. Alguém por acaso sabe que, nos meus nove anos de Fluminense, eu fui o jogador com maior número de partidas em todas as temporadas? Que muitas vezes entrei de tornozelo enfaixado ou com a canela inchada? Eu não admito ficar de fora. Na boa ou na podre.

— Esse negócio de imagem não é brincadeira. Quando cheguei a Porto Alegre, perguntaram-me se eu não estranharia a dureza dos jogos no interior. Parece que sou um tremendo corpo mole. Olha, em Natal, quando eu jogava no Ferroviário, os torcedores me puxavam pela camisa na hora do córner e eu nunca me assustei. Certa ou errada, Lula criou no Fluminense a fama de brigão, incapaz de controlar os próprios nervos.

— Brigas? Saio do Fluminense amigo de todos os jogadores e mesmo dos dirigentes. Apesar de algumas divergências, só briguei uma vez, em 1967, com o Roberto Machado, diretor do departamento juvenil. Eu havia trazido Valtinho do Recife e o Machado, na minha frente, prometeu que, no Natal, daria passagens de ida e volta para o garoto visitar a família. Na hora H ele disse que não tinha prometido nada. Ora, aquilo esquentou minha cabeça, era uma sujeira. Eu disse um mundo de verdades para o Machado. O Fluminense me emprestou ao Palmeiras por achar que aquilo era rebeldia. Até foi bom: fui campeão da Taça Brasil de 1967.

Lula diz que não tem maiores queixas da imprensa, mas afirma que se tornou o prato-do-dia para alguns jornais. Qualquer coisa que fizesse, errada ou não, era logo explorada, como se ele fosse um desordeiro.

Cascata

— A história de que eu era inimigo de Artime não passou de cascata. O Fluminense perdeu um jogo com nós dois no time. No seguinte, ele de fora, eu marquei dois gols. Aí, os repórteres me perguntaram se meu negócio era apenas jogar bem quando o Artime não entrava. Disse que não era nada daquilo, que o problema talvez fosse de ordem tática: ele se deslocava para o meu setor e eu ficava sem espaço. O melhor seria ele procurar a direita. No outro dia um jornal publicou: "Lula contra Artime: ele ou eu".

— Depois disseram que eu tomei o telefone do Artime e o quebrei. Errado. Quebrei o telefone mas numa brincadeira com o goleiro Roberto. O Artime nem estava na sala. Mas um reserva espalhou que a coisa tinha sido com o gringo. A verdade é que ele não se adaptou ao Rio.

O diretor de futebol do Fluminense, Aílton Machado, teria declarado que Lula andava com a cabeça cheia de minhocas, querendo ser vendido para ganhar os 15% sobre o valor de seu passe.

Sem discussão

— É verdade mesmo. Você, é profissional, não quer progredir na vida? Senti que passaria o resto de minha vida no Fluminense e lutei para sair. Mas nunca cheguei a ficar de mal com os dirigentes por causa disso. Certa vez, antes de um treino, Zezé Moreira brincava comigo, dizendo que o clube venderia meu passe por Cr$ 1,5 milhão. Alguém ouviu e escreveu num jornal que o Fluminense pusera meu passe à venda porque eu brigara com Zezé Moreira. Logo o Zezé, uma flor de sujeito, um cara amigo de todos, que não discute, nem fala mal dos jogadores.

"Sabiam que eu só fui expulso duas vezes? Pouco para um cara que todos chamam de explosivo, não?" LULA

Quando o problema ponta-esquerda começou a ser discutido, Minelli comentou vários nomes. Sobre Lula, disse: "Para ele vir, só trazendo o mar junto".

— Engano. Até não gosto muito de praia. Minha diversão era visitar e receber as famílias de Assis, Manfrini, Silveira e outros jogadores. O Zé de Almeida, superintendente do Fluminense, pode confirmar o que digo. Ele morava no mesmo edifício que eu. Meu negócio é dormir cedo ou ler um bom livro.

Com ar de quem deseja provar as coisas, Lula prossegue na sua autodefesa:

— Sabiam que eu só fui expulso duas vezes? Pouco para um cara que todos chamam de explosivo, não? As duas contra o Olaria. A primeira, em 1972, quando o juiz marcou um pênalti a nosso favor. Eu segui correndo e dei um bicão: a bola bateu na mão do juiz e o apito foi parar no inferno. O malandro do Afonsinho me entregou. A segunda vez aconteceu no ano passado. Eu tinha passado o dia num hospital, em companhia de meu filho. A febre era alta e eu saí de lá para o estádio. Entrei de cabeça quente. Fernando Pirulito me deu uma catucada e eu revidei com um soco tão forte que o coitado desmaiou.

Fora do Fluminense, Lula reconhece que deve muito ao clube. Foi lá que ele conseguiu projetar-se e ganhar muitos títulos: campeão carioca em 1969, 1971 e 1973; da Taça Guanabara em 1966, 1969 e 1971; da Taça de Prata, em 1970.

— Saí de consciência tranqüila, mas acho que vou sentir saudades, sabe?

Ninguém duvida do futebol de Lula. Mas algumas pessoas temem que, por causa de seu estilo, o esquema do Inter se transforme num 4-2-4. Afinal, Valdomiro e Claudiomiro têm suas posições garantidas. Sérgio Lima, segundo o próprio Minelli, veio para fazer os gols que faltam. O problema só será solucionado em junho, quando Paulo César voltar da Alemanha, para formar o tripé com Tovar e Falcão. Lula não se impressiona com a questão:

— Se o técnico mandar, eu recuo para a armação. Sem grilo.

Apesar de todas as críticas que recebeu, Cláudio não decepcionou os torcedores colorados. Com raça (às vezes, exagerada) e suas passadas largas, chegava facilmente ao ataque e fazia gols com freqüência, devido ao chute forte. De 1973 a 77, fez parte do Internacional que conquistou o Brasil.

Na canela e no pescoço

JÁ O ACUSARAM ATÉ DE PERDER DOIS BRASILEIROS, MAS HÁ QUATRO ANOS ELE SE MANTÉM COMO TITULAR. RECONHECE QUE, PARA ISSO, DISTRIBUI MUITA BORDOADA

POR DIVINO FONSECA

Um perneta — disse um comentarista de rádio e ex-técnico, na semana do Gre-Nal. Cintura-dura e cabeça-de-bagre — dizem outros, revoltados com sua condição de titular na lateral direita do Inter.

Na verdade, não é um craque — como ele mesmo reconhece. Tem defeitos na marcação, dificuldade em girar o corpo rapidamente e, às vezes, abusa da violência, numa visível tentativa de encobrir seus defeitos e não comprometer o time. No entanto, o mais importante, na opinião de Cláudio Roberto Duarte, 23 anos, alto e violento, é sua ascensão técnica como jogador de futebol.

— Sou um aprendiz. Fui ruim e melhorei. Conheço meus limites e nunca serei um Djalma Santos ou um Carlos Alberto. Observo, estudo, discuto, peço conselhos e sou rigoroso na autocrítica. Quando encerrar a carreira, pelo menos poderei dizer que evoluí.

Esforçado, ao final dos treinos e jogos Cláudio procura o treinador Minelli para discutir sua atuação. Quer saber como marcou, se apoiou, quais as principais falhas — para não repeti-las no jogo seguinte.

Por suas dificuldades naturais, desde 1970, quando saiu dos juvenis, Cláudio preocupa-se com a forma física e com a ginástica, capazes de dar-lhe melhores condições de jogo. Assim, depois da primeira observação de Eron Beresford, preparador físico do Inter, a respeito de sua cintura dura, Cláudio começou a se exercitar com mais afinco.

— Essa dificuldade em girar o corpo rapidamente me prejudica na marcação. Se o ponta é rápido e joga a bola às minhas costas, até que eu consiga virar-me ele já correu o suficiente para o cruzamento. Há quem diga em Porto Alegre que o Internacional perdeu os campeonatos brasileiros em 1972 e 1973 porque as jogadas do adversário — o Palmeiras nas duas ocasiões — eram feitas pelo lado de Cláudio.

"Sou um aprendiz. Fui ruim e melhorei. Conheço meus limites e nunca serei um Djalma Santos ou um Carlos Alberto"
CLÁUDIO

— Não concordo. É verdade que eu sempre tive dificuldade para marcar o Nei, mas houve outros motivos. Além disso, todo lateral alto como eu leva desvantagem contra pontas pequenos e dribladores. A gente não pode encostar o corpo, os pontas revelam. Eu tenho 1,84m de altura e o Nei é pequeninho e joga curvado. Mas estou aprendendo a me concentrar só no movimento da bola e não mais nos movimentos dos pontas.

Como lateral apoiador, Cláudio julga-se quase no ponto ideal. Acha que progrediu muito e considera os papos mantidos constantemente com Valdomiro e Minelli sua principal fonte de aperfeiçoamento. Discutiram, treinaram e concluíram ser melhor a entrada do lateral pelo meio, levando consigo a defesa adversária e deixando Valdomiro livre para o cruzamento.

— Se eu entrasse pela ponta, não conseguiria fazer o cruzamento direito e o Valdomiro também não seria útil na área. Tem gente que anda dizendo que eu avanço sem bola e que meu apoio não vale nada, mas eu faço o que o técnico manda e estou tranqüilo.

Bons tempos

Aparentemente, para Cláudio, foram-se embora os tempos intranqüilos. Em três anos, ele lutou muito para conseguir o lugar de Édson Madureira no time. O Inter contratou o lateral Valdir, do São José, mas Cláudio continua no time titular. No início deste ano os dirigentes do Inter tentaram comprar Toninho do Fluminense, mas desistiram por causa do preço e por terem descoberto os progressos do futebol de Cláudio.

— Confesso que até fevereiro eu era outro homem. Quando estava para renovar contrato surgiu uma onda de que o Inter ia me dispensar. Com medo, renovei por 6 000 cruzeiros mensais — o oferecido pelos dirigentes. Hoje não tenho medo do futuro. Afinal, sempre aparece um sapato velho para um pé torto.

Contra o cruzeirense Palhinha: Cláudio não perdia divididas

Cláudio cita o lateral-esquerdo Vacaria como exemplo dos progressos que um jogador pode fazer quando recebe apoio do técnico e tem vontade de aprender. Mas aponta uma diferença entre os dois: enquanto Vacaria esperava em silêncio, jogando seu futebol, que a ascensão viesse naturalmente, ele — Cláudio — reagia com violência. E hoje, dono absoluto da posição, continua — vez por outra — dando pontapés.

— Encaro os treinos como jogos. Às vezes alguns torcedores incentivam os reservas e às vezes há uma jogada mais dura. Muitas pessoas pensam que podem diminuir-me com vaias e minha resposta é uma jogada. Às vezes violenta. Depois, peço desculpas aos colegas.

Cláudio acha que antigamente usava mais violência nos jogos e lembra o Internacional x Guarani, no final do ano passado, em Porto Alegre.

— O Mingo chegou e disse que gostava de jogar contra laterais duros como o Édson Madureira. Na primeira bola, acertei-o na canela e no pescoço ao mesmo tempo. Quando ele perguntou qual era a minha, respondi que o lance havia sido apenas uma amostra e que eu batia mais do que o Edson.

Sem ofensas

Cláudio tem consciência de que muita gente não gosta de seu estilo como jogador. Mas, para ele, manter a posição é um desafio, e ser chamado de perneta não influi em seu padrão de jogo, pois "enquanto não me ofenderem como pessoa, respeito a opinião de todos".

De qualquer forma, Cláudio reconhece nas críticas um certo exagero:

— Um jogador pode enganar durante alguns meses, quem sabe por um ano, mas eu estou há quatro anos nos profissionais. Se fosse realmente ruim como dizem alguns, já teriam me chutado. Certo?

Cláudio, hoje, julga-se feliz. Conseguiu trazer toda a família — os pais e sete irmãos — que vivia em São Jerônimo; comprou uma casa no bairro da Glória, em Porto Alegre; comprou um carro e prepara-se para prestar o exame supletivo. Depois, espera fazer uma faculdade de educação física, para garantir o futuro, pois acredita ser um jogador que não vai enriquecer com o futebol.

No Inter, Cláudio é amigo de todos — até de Claudiomiro, considerado um gênio difícil — e acha que seu comportamento é o maior responsável pelo bom relacionamento:

— Acho que sou leal. Ganhei a posição do Édson e do Valdir, mas procuro me dar bem com eles. Além disso, nunca dei entrevistas dizendo que deveria ser titular, ou que era o dono da posição.

Caçapava 1975

A fama de violento voltou-se contra o próprio Caçapava que, embora jurasse que só entrava na bola, passou a ser caçado em campo. Bicampeão brasileiro, em 1975 e 76, e tri-gaúcho, em 1975, 76 e 78, ele era um verdadeiro cão de guarda, que enfurecia seus adversários.

É esse! É esse!

PARECE QUE A TURMA ESTÁ QUERENDO SE VINGAR DAQUELE CRIOULO QUE GRUDA FEITO CARRAPATO. E ELE SOFRE MUITO COM AS SOLADAS

POR DIVINO FONSECA

Para outros jogadores, o dia seguinte a uma partida geralmente é de folga. O Beira-Rio está silencioso; apenas um médico e um massagista tratam de Paulo César, que se recupera ainda da operação nos meniscos, e aguardam um ou outro lesionado da véspera. Já sabem que daqui a pouco aquele crioulo vai chegar, mancando, como em toda segunda-feira.

É Caçapava, um jogador que esteve presente em nove de cada dez jogos do Internacional nesta temporada, mas que é presença inevitável no departamento médico no dia seguinte às partidas. Por quê? Porque, na opinião de colegas, torcedores, jornalistas, do técnico e um pouco na dele mesmo, Caçapava se tornou o jogador mais perseguido pelas botinadas dos adversários. Mais do que a coqueluche Ortiz, com a diferença de que o argentino do Grêmio é apenas contido, o centromédio do Inter é caçado.

— São entradas criminosas. E este o termo: criminosas — indigna-se Minelli.

— Que é que eles têm contra o negão? Qual é a deles? Não querem ser marcados? — pergunta Marinho, seu companheiro de apartamento.

— Não é por ser forte, mas por pura sorte que ainda não se quebrou — opina o médico José Mottini.

— Não sei por que eles não aturam — comenta o tímido Caçapava. — Às vezes fico pensando que tem uns caras aí tentando tirar uma de vingador. Mas vingador de quê? Eu entro duro na bola, eles é que entram para quebrar.

Lá está ele fazendo tratamento com jatos de água quente, para desmanchar uma bolota nos músculos da perna direita, logo acima do joelho — resultado de uma disputa com Osmar, meia-armador do Caxias.

Uma relação das vezes em que Caçapava foi atingido maldosamente se tornaria infindável, segundo Minelli. Entretanto, é possível relembrar as mais perigosas.

No domingo anterior, ainda em Caxias do Sul, contra o Juventude, ele sofreu a entrada mais violenta. O lateral Benazzi entrou de sola direto em sua perna de apoio, visando o joelho. Ele, porém, virou-se a tempo e dobrou a perna, de modo a receber apenas um corte na parte lateral da articulação.

Em janeiro, na abertura da temporada,

naquele Inter x Fluminense mais ou menos festivo, tinha sido a vez de Rivelino acertá-lo — quem sabe tentando vingar aquele Flu x Inter nada festivo do Maracanã, Caçapava caído, o nervoso Riva pisou-lhe a perna um pouca acima da panturrilha.

Em fevereiro, num amistoso contra o Flamengo no Beira-Rio, logo depois de desarmar Zico ele subia para o ataque. Foi interceptado por Merica, que, de sola, lavrou-lhe as duas canelas.

Sai do departamento médico caminhando normalmente, garantindo que no dia seguinte estará treinando. O preparador físico Otacílio dos Santos, que passa ao lado, não resiste ao comentário:

— Se é outro, fica fora do próximo jogo. E depois dizem que és tu quem bates, hein?

Sentindo-se pouco à vontade quando fala do assunto, Caçapava admite meio a contragosto que houve má fé em quase todas as vezes que o acertaram — embora nunca tenham conseguido tirá-lo de campo. Como naquele jogo com o Flamengo — ele conta —, em que Zico e Geraldo, irritados com seus carrinhos, gritaram para Merica acertá-lo. Mas o que até hoje lhe dói, que às vezes obriga-o a poupar-se nos treinamentos, é o pisão de Rivelino.

A panturrilha endurece e ele mal consegue andar.

— Apesar de tudo isso, não posso dizer que sou uma moça. Quem joga na frente da área sabe qual é a nossa função. Quando o atacante avança, temos que estar ali, ao lado do beque. Se ele leva o drible, temos de aproveitar a adiantada da bola e entrar firme, com tudo, em cima. Mas a diferença, como digo, é que eu vou na bola, e os caras, quando vêm em mim, é por cima dela.

Irritação por ter aquele negrão morrinha, xarope, sempre em cima, entrando de carrinho mal a bola vem chegando? Ou algo mais complicado — despreparo do armador e do atacante brasileiro, em geral uma figura que se irrita com as rígidas marcações à européia? Minelli acha que está aí a origem de toda a bronca.

O europeu

— Claro, os chamados virtuoses da bola preferem que lhes dêem espaço para que façam suas firulas. Aí, quando topam com os europeus, é aquilo que se vê: ficam bravos, pegam a bola e atiram na cara dos gringos, que só ficam achando graça. Claro, pois para eles é a coisa mais normal chegar junto na bola, mesmo que seja com o desagradável carrinho. E quem viu este último Espanha x Alemanha, pela televisão, notou que o juiz não marcava falta. Olha, o Caçapava é igualzinho a eles; por isso está sofrendo o mesmo tipo de represálias.

O alvo concorda com o técnico, inclusive porque também assistiu ao jogo e se sentiu consolado — como estivesse se vendo em campo. Mas Caçapava acha que, comparações à parte, há um dado que poucos lembram no momento de julgar os lances de violência em que se vê envolvido:

— Nunca quebrei ninguém. Nunca entrei para machucar. Qual foi o jogador que saiu de campo por minha causa? Nenhum. Nunca, mesmo sendo driblado, pensei em descarregar a raiva atingindo um companheiro de profissão. Mesmo quando levo a paulada, me limito a chamar a atenção do juiz. Tenho de conservar a cabeça fria. Sei que estou certo e continuo entrando igual.

Minelli chama-o de anjo e acha-o muito diferente de Chicão, "que é lento e, por não poder chegar junto, baixa o sarrafo mesmo". Diz que já o advertiu contra as maldades, mas que ele continua entrando só na bola — e levando pau. Mas, assim como não se anima a engrossar, Caçapava pelo menos acha que as agressões não vão intimidá-lo.

— Bom, aí seria reconhecer que sou desleal ou confessar que fiquei com medo. Podem fazer as ameaças que quiserem; vou continuar o mesmo. O Jornal do Inter andou publicando aí que o Geraldo, o Zico e o Rivelino, quando estavam na Seleção, combinaram que alguém lá do Rio ia me quebrar na primeira oportunidade. Não sei se é verdade. Se for, eu só acho que homem que é homem não ameaça, faz.

Pouco amor

Passa o extrovertido Califa, responsável pelos infantis do clube, e comenta — alto o suficiente para Caçapava ouvir — que toda essa guerra contra ele é pura inveja de quem não suporta ver um cara humilde se tornar ídolo da noite para o dia.

Os elogios não lhe causam nenhuma reação aparente. Diz que é muito novo — 21 anos —, que não pensa em Seleção e que ainda precisa aprender algumas coisas do jogo. Embora raramente seja driblado e ache graça de certos atacantes "que gingam para todos os lados e pensam que estão fazendo grande coisa".

Sua dedicação aos treinamentos é exemplar — pode ser visto depois do expediente fazendo ginástica por conta própria. E tem motivos para acreditar na preparação física.

— Quando cheguei para os juvenis não era forte como hoje. Aí, com os treinamentos, os exercícios com peso, explodi. Eu preciso deste corpo. Por isso sempre tratei bem dele.

Como se não bastasse tudo isso para caracterizá-lo como um típico atleta europeu, Caçapava ainda exprime isto:

— Não sinto o jogo como um Falcão, um Paulo César. Para falar a verdade, não

"Não posso dizer que sou uma moça. Quem joga na frente da área sabe qual é a nossa função. Quando o atacante avança, temos que estar ali"

CAÇAPAVA

chego a gostar do jogo, nesse sentido aí de que ele deve ser um espetáculo. Para mim, que fico ali com a obrigação de jogar duro, futebol é uma responsabilidade. Campeonato Brasileiro ou Campeonato Gaúcho, com ou sem pauleira, é tudo a mesma coisa. Quando Caçapava põe seu corpo a serviço desta idéia, torna-se uma figura insuportável para os adversários — que gostariam de vê-lo partido ao meio.

Com Batista, Falcão e Jair o Inter chegou invicto ao Campeonato Brasileiro de 1979. Raçudo, Batista era especialista em desarmar os adversários. Formado nas categorias de base do colorado, ele defendeu o time de 1976 a 81, ganhando também o Brasileiro de 76 e o Gaúcho de 76 e 78.

Passes na bandeja

É MEIO-DE-CAMPO QUE NÃO ACABA MAIS. O INTER JÁ SE DESFEZ DE VÁRIOS. E DAÍ? SURGIU BATISTA. MUITOS JÁ O VÊEM COM A FAIXA DO OCTACAMPEONATO

POR DIVINO FONSECA

O tempo passou mesmo depressa para Batista. Há dois anos, Carbone — logo depois seria vendido ao Botafogo — admirava-se das atuações daquele franzino apoiador dos infanto-juvenis e profetizava: "Está ali um dos jogadores de maior futuro deste clube". Na época, o rapazote encarou o elogio apenas como "uma baita força". Explica-se: o modesto Batista nem tinha certeza de que seria promovido a juvenil.

Como se enganou! No ano seguinte, não apenas foi promovido como se tornou o maior destaque da equipe na conquista do Torneio Cidade de São Paulo. Foi convocado e chegou a titular da Seleção Amadora que excursionou por diversos países da Europa e venceu o Torneio de Cannes.

Semana passada, já como profissional, mas com contrato na gaveta por ordem da CBD, recebeu nova convocação. Será o meia da Seleção Brasileira nos Jogos Pan-Americanos, em outubro, na cidade do México.

Mas a subida de degraus reais, como os citados, não o impressionou tanto quanto algo invisível que paira pelos lados do Beira-Rio, sensível apenas aos cochichos de corredores: ele estaria sendo preparado para substituir Paulo César, uma das maiores estrelas do elenco, caso este venha a ter o passe vendido ano que vem — possibilidade não muito remota, em virtude da sua supervalorização.

Tudo depressa

Diante dela, João Batista da Silva — 20 anos, 1,73m, cabelos encaracolados, semblante tranqüilo — chega a ficar embaraçado.

— Entende, tudo está acontecendo muito depressa. Parece que foi ontem que deixei o infanto-juvenil. Não me acostumei ainda com a idéia e nem gosto de pensar que, de um momento para o

outro, posso substituir o Paulo, um craca-ço. Acho que ainda tenho que aprender. Mas, se for mesmo verdade, espero estar à altura de tamanha responsabilidade.

Na definição do técnico Rubens Minelli, ele "é menos que uma realidade e mais que uma promessa". Minelli confessa que o prepara a médio prazo. Isto é, no próximo ano estará em condições de ser titular.

Vai estourar

— É versátil. Joga de apoiador e de meia avançado, fazendo o terceiro homem. Só não aprendeu ainda a jogar pela esquerda. Por ali, coloca-se mal, deixando espaços às costas. Mas vai acabar estourando e se transformando num sucesso.

Batista é a mais nova revelação em um setor onde há muitos e muitos anos o Internacional não tem problemas. Por tê-lo no elenco — e por motivos de economia — é que o clube não hesitou em vender Tovar ao Sport, da mesma forma que vendera Carbone ao Botafogo, logo que Falcão despontou.

Verdade que ele ainda não se acostumou bem com a idéia de substituir Paulo César. Isso, porém, não significa que a rejeite. Pelo contrário. Mas aí surge outro problema: e se Paulo César permanecer no clube, como será possível estourar? Além disso, Falcão tem apenas 21 anos.

Já é um rapaz de idéias claras que responde:

— Se um cara está semidestruído, sem perspectiva na vida, ele deve fazer tudo para se reerguer, até fabricar esperanças. Não é o meu caso. Então, com muito mais razão, não vou baixar a cabeça. Não sei quais são as minhas chances com os dois jogando este bolão. Mas me preparo, aprimoro a colocação e o ritmo. Preciso estar pronto para tudo. Quem sabe, os homens não estão me observando exatamente para, depois, com base em minhas atuações, venderem o Paulo?

É do tipo carrapato quando lhe mandam marcar alguém. Acha que está mais para Dudu que para Ademir da Guia. Já andou até pela ponta-de-lança e topa qualquer posição. Na verdade, os colorados acham que daria um excelente lateral-direito baseados em sua atuação num Gre-Nal decisivo, dia 10 de julho.

— Foi gozado. O Cláudio se machucou e, mais tarde, o Hermínio também. Não havia mais ninguém na reserva para a defesa. O Minelli ia lançar o Borjão, que é atacante, e recuar o Valdomiro para a lateral quando Pontes gritou lá do campo: "O Batista joga ali". O homem me mandou aquecer e nem tremi. Sério mesmo. Era a decisão, estava 0 x 0, era praticamente a minha primeira partida e numa posição em que jamais tinha jogado. Mas não tremi mesmo. Fui lá. Colei no Nené como o homem mandou e acho que não decepcionei.

Quando uma promessa como Batista desponta, é comum se especular sobre seus hábitos, costumes, companhias, ambientes que freqüenta: é o medo da máscara e do desleixo.

Com ele não há esse problema. "É tratado a pires de leite pela mãe, que vigia todos os seus passos", conta Jacaré, roupeiro dos juvenis.

E Batista não se envergonha em confirmar: "Sou filho único, criado com muitos dengues". Há quatro anos perdeu o pai. Aí mesmo é que os cuidados de dona Zulmira aumentaram. Em 1973, deu-lhe um Volks zero quilômetro para que o filho pudesse fazer sem problemas o percurso de 16Km entre Canoas, onde mora ("perto da casa do Falcão") e Porto Alegre. Antes de ele ir para a concentração, fica nervosa e lhe recomenda, de 15 em 15 minutos, que dirija devagar.

— É uma supermãe, sabe? — comenta sorrindo. — E quando eu era criança? Não queria que eu jogasse as minhas peladas. Tinha medo que eu me machucasse. "Não vou querer que quebrem meu filhinho", ela dizia. Para jogar no ABC, no Guanabara ou no Boa Vontade, os mais parrudos do time tinham que ir lá em casa pedir licença a ela e prometer que me protegeriam. Ela queria mesmo é que eu fosse médico.

"Preciso estar preparado para tudo. Quem sabe não estão me observando para, depois, com base em minhas atuações, venderem o Paulo"
BATISTA

Três por um

Apesar de tudo, em um dia de 1971, conseguiu permissão para jogar nos infanto-juvenis do Cruzeiro. O timinho era bom. Quando jogava contra o Internacional, complicava, "principalmente em estádios vazios, porque no Beira-Rio, em preliminares de jogos entre profissionais, não era mole; a torcida empurrava o time deles, enquanto o nosso desaprendia".

Mas ele conseguia se destacar bastante de uma forma ou de outra. Não desaprendia. Tanto que, no ano seguinte, o técnico Ernesto Guedes, dos infantos do Inter, deu três jogadores ao Cruzeiro em troca de Batista.

— Se não acontecesse aquilo, hoje talvez eu estivesse fazendo a vontade de minha mãe. Estaria estudando Medicina, não sei...

A partir daí, tudo começou a acontecer mais cedo na vida desse garoto, que mal tem tempo para ver filmes policiais no cinema São Luís, de Canoas, ou de se esticar na cama para ouvir discos de Jorge Ben — seus passatempos favoritos.

A convocação para integrar o time juvenil que levantou a Taça Cidade de São Paulo saiu quando ele ainda tinha idade para jogar nos infantos. A convocação para jogar em Cannes e conhecer a Grécia, Bulgária, Romênia e Portugal também o pegou de surpresa. Este ano, foi promovido a profissional com contrato de gaveta, recebendo salários de 2 800 cruzeiros mensais, quando poderia permanecer por mais um ano nos juvenis.

Melhor objetivo

— E agora saiu essa convocação para o Pan-Americano. Sinceramente, eu preferia disputar o Campeonato Brasileiro. Ganharia mais bichos e seu Minelli poderia me observar melhor. Mas a saudade da mãe, a tensão dos jogos importantes, vestir novamente a camisa da Seleção, tudo isso vai me dar maior experiência. Afinal, é isso que o Internacional quer de mim, né?

Isso mesmo. Pois que Batista tem muito futebol pelo corpo está mais do que visto.

Figueroa foi o grande responsável pelo status que o Inter e até mesmo o Grêmio adquiriram no cenário nacional. Com sua técnica, personalidade e profissionalismo, ele liderou o colorado em conquistas importantes, como o bicampeonato brasileiro, em 1975/76.

A locomotiva do futebol gaúcho

POR DIVINO FONSECA

NÃO HÁ DÚVIDA DE QUE O INTER SERIA UM GRANDE TIME SEM ELE, MAS TAMBÉM NÃO HÁ DÚVIDA DE QUE SUA PRESENÇA ELEVOU O COLORADO A CULMINÂNCIAS INSUSPEITAS

FOTOS J. B. SCALCO

Com sua garra e técnica, Figueroa foi um dos grandes ídolos da torcida colorada

No entardecer do dia 15 de novembro de 1971, Elias Ricardo Figueroa Brander desembarcou no Aeroporto Salgado Filho. Vinha acompanhado do sorridente dirigente Eraldo Herrmann, que o comprara do Peñarol de Montevidéu.

No dia 16, ainda sem ser muito paparicado, assistiu aos estragos que o ataque do Atlético Mineiro, comandado por Dario, fez na defesa do Internacional. Foi a última partida de Scala. No jogo seguinte, Figueroa comandava a vitória de 2 x 0 sobre o Santos, no Pacaembu.

Dali para a frente o Internacional não seria o mesmo nunca mais.

Não se sabe exatamente quando os dirigentes começaram a perceber que tinham feito o melhor negócio do mundo. O certo é que, passados cinco anos e 317 jogos de Figueroa com a camisa 3 do Internacional, há a certeza, no Rio Grande do Sul, de que jamais passou por um de seus clubes um craque como ele.

As comparações, normalmente favoráveis a Figueroa, começaram a ser feitas com mais insistência a partir de 15 de novembro passado. Nesse dia, exatamente cinco anos após sua chegada, ele anunciou que estava disposto a conversar com a direção do clube sobre sua volta ao Chile, embora esse fosse o último assunto de que os dirigentes um dia quisessem discutir. No dia seguinte, o fato ganhou tanto destaque quanto as eleições.

Como no Beira-Rio

E ainda que o próprio Figueroa reconhecesse ser quase impossível sair agora, o levantamento do passado e as especulações sobre o futuro continuaram. Qual teria sido a exata importância de Figueroa na trajetória do Internacional rumo à gloria? Depois que ele foi embora – agora ou em qualquer dia – o Internacional será o mesmo? Algum dia surgirá outro que reúna tantas qualidades?

A opinião do cronista Luís Fernando Veríssimo, colorado freqüentador da arquibancada, talvez resuma a da maioria.

– Acho que Figueroa representou para o time a mesma coisa que o estádio Beira-Rio representou para o clube. Isto é, o Inter era um clube grande, grande torcida, grandes aspirações, mas faltava um símbolo concreto e palpável dessa potência. Depois da construção do Beira-Rio, o Inter não perdeu mais campeonato no Sul e não foi pequena a importância psicológica do novo estádio nessas conquistas. Era como se o próprio estádio, pela sua grandeza, exigisse um time à altura. Com a contratação de Figueroa, o Inter começou a ascensão técnica que culminou com o seu título de campeão brasileiro em 1975. E era, também, como se a própria qualidade de Figueroa como jogador e líder exigisse resultados à altura.

A personalidade

Osvaldo Rolla, o Foguinho, foi quem descobriu Aírton no pequeno Força e Luz e levou seu clube, o Grêmio, a adquiri-lo em troca de um pavilhão de madeira, em 1953. Para Foguinho, 66 anos, aposentado e até hoje orgulhoso de sua descoberta, é muito difícil remexer em coisas já estabelecidas – seria como modificar um inventário. Ele lembra que sempre houve grandes beques no Rio Grande do Sul, como "o maravilhoso Aírton", de 1953 a 1967, um imenso mulato, um beque tão clássico que chegava a brincar com os centroavantes. Este, na opinião de Foguinho, foi mais técnico do que Figueroa.

– Mas – conclui com a voz arrastada – não tinha a personalidade desse chileno, não impunha respeito.

– O que é ter personalidade para jogar? Sempre fui muito tranqüilo e confiante e acho que uma pessoa é a mesma tanto dentro como fora de campo. Nunca me assustei com mistérios, é a gente que cria medos e fantasmas.

– Aqui se fala tanto em personalidade, não? Se valoriza muito essa parte. Quando eu jogava no Peñarol, os comentários eram mais sobre a técnica. Claro, porque o futebol uruguaio sempre teve a personalidade como um pressuposto. Uma vez, em 72, o Internacional foi jogar em Montevidéu e me perguntaram pelos destaques do nosso time. Eu citei o Paulo César e disse que ele acabaria na Seleção Brasileira. O Paulo César, vamos ser sinceros, era o único que chegava em campo e fazia o seu jogo sem se deixar influenciar. Amigo, o nosso time sentia quando ia jogar no Rio e em São Paulo. Hoje,

podemos até perder um título, mas o motivo nunca vai ser esse.

Mas a maturidade da equipe trouxe benefícios a Figueroa mais do que a qualquer um. Em 1974, o Inter esteve muito próximo de ser campeão brasileiro; em 1975, finalmente, conseguiu o título que perseguia obsessivamente. Foi nesses anos que, em enquete entre jornalistas de vários países, um jornal de Bogotá o apontou como o melhor jogador da América.

Para o técnico Rubens Minelli, a consagração de Figueroa representa, entre outras, a vantagem de liberá-lo das comparações.

— Se as fizesse melindraria uns três ou quatro beques aí que se julgam craques.

Mas, indiretamente, acaba fazendo.

— Ora, beques. Há os simplesmente rebatedores, os antecipadores, os que sabem se colocar, alguns um tanto clássicos. Mas o Figueroa é tudo isso, entende a diferença?

Um ponto sensível

Cinco anos depois de cobrir a chegada de Figueroa, o repórter João Carlos Belmonte, da Rádio Guaíba, revela que os dirigentes "não apenas desconheciam que ele fosse o melhor do mundo na posição como tinham dúvidas de que fosse superior a Ancheta". E proclama:

— Hoje, o Figueroa manda tanto quanto o patrono Ildo Meneghetti. Se permitisse ser envolvido na política do clube, elegeria um presidente com apenas duas palavras: "Vote nele". Mas não ganhou esse poder de graça. Conquistou no campo, mostrando que era o bom, e também fora, pois é esperto e se expressa bem.

Entretanto, mesmo considerando Figueroa o melhor beque do mundo, Belmonte lhe faz um pequeno reparo:

— Ele não aceita críticas. Sei e talvez porque raramente jogue mal ele tenha se desacostumado a ouvir. O certo é que dificilmente reconhece que não foi bem em uma partida.

O que pôde ser comprovado, por exemplo, depois do jogo com o Coritiba. O repórter, escolhendo as palavras, sugeriu-lhe que talvez ele não tivesse ido tão bem quanto em outras partidas — para ouvir um "no concordo, atcho que joguei o normal".

— Eu aceito as críticas. Não sou tão vaidoso assim. O que acontece é que às vezes eu vou para o campo cumprir ordens do técnico, cumprir esse ou aquele esquema tático. Então dizem que não peguei bem e, ao mesmo tempo, o Minelli fica satisfeito. Não gosto da crítica exagerada assim como não gosto dos elogios.

Hábil negociador

De vez em quando, surgem críticas também à sua conduta fora de campo — embora ainda menos freqüentes que as outras. Como a essa conversa de ir embora. Ou como a feita pelo folclórico técnico Oscar Urruty, do Brasil de Pelotas: "Figueroa é um ídolo de barro. Declama Neruda e recebe medalha de Pinochet". Mas, assim como se pode reconhecê-lo como hábil negociador junto a dirigentes, deve-se reduzir suas convicções políticas às devidas proporções. Em 1971, por exemplo, tinha sido recebido pelo então presidente Salvador Allende — quando também colheu frutos promocionais.

— Sou apolítico. Sou um profissional.

Em todo caso, a volta ao Chile, para mais cedo ou mais tarde — talvez mais tarde do que cedo — está decidida. É lá que pretende encerrar a carreira.

A volta ao Chile é um caso sentimental. Figueroa lembra que, de seus 14 anos de carreira, apenas os três primeiros foram jogados em sua terra. Além disso, as saudades dos pais são enormes. Quer ir, de preferência, para vestir a camisa verde, vermelho e branco do Palestino, um clube de árabes, com pouca torcida. Seria uma maneira de não dividir as torcidas dos dois maiores clubes, o Colo-Colo e o Universidad Católica. ○

"Eu aceito as críticas. Não sou tão vaidoso assim. O que acontece é que às vezes eu vou para campo cumprir ordens do técnico. Então dizem que não peguei bem."
FIGUEROA

Fenômeno era como Manga se auto-elogiava. Elogio com o qual a torcida colorada concordava plenamente. Era um goleiro frio, que tinha como virtudes o bom posicionamento e firmeza para segurar a bola. Conquistou o bi Brasileiro de 1975/76 e o tricampeonato Gaúcho de 1974/75/76.

Manguinha sabe

POR DIVINO FONSECA (PORTO ALEGRE), ARISTÉLIO ANDRADE (RIO), LENIVALDO ARAGÃO (RECIFE) E FRANKLIN MORALES (URUGUAI)

DE GOL, TUDO, TUDO – E ESTÁ AÍ MESMO PROVANDO. SABE TAMBÉM DA VIDA, QUE LEVA NUM JEITO TODO PRÓPRIO, FALSAMENTE SIMPLÓRIO, BEM CARACTERÍSTICO DOS NORDESTINOS. A ÚNICA COISA QUE MANGA NÃO SABE: QUANDO VAI PARAR

Fenômeno – é como Manga se define na sua tranqüila e natural imodéstia. Seria concessão concordar com ele? Aparentemente, não.

Nada parece normal na sua impressionante figura de 1,87m, de olhar duro e raros sorrisos na cara marcada pela varíola, mas ao mesmo tempo ingênuo e gentil como uma criança. Nem sua carreira. Que goleiro quebra e entorta os dedos mínimos e continua agarrando igual? Qual, depois de se tornar ídolo, ser difamado e mandado embora de seu país, torna-se o maior goleiro de uma terra de grandes goleiros e volta mais ídolo ainda? Qual é capaz de chegar aos 39 em plena forma física e técnica e partir para a briga se lhe perguntam quando pretende parar?

Uma aventura

Por enquanto, só Aílton Correa Arruda, o Manga, o Manguinha. Que segue o conselho de seu pai, capitão de Marinha, já falecido, que um dia lhe disse: "A vida só é boa se tem bastante aventura".

O futebol é a aventura de Manga.

– Nos meus 30 anos de técnico, jamais vi jogador mais sério, mais sincero e melhor goleiro do que ele. (Dante Bianchi, seu primeiro técnico)

– Ele foi, sem sombra de dúvida, o melhor goleiro que passou pelo Botafogo

desde que me conheço por gente. (Nílton Santos)

Manga não consegue viver sem o futebol. Dominar a bola é tudo o que sabe fazer. Mas só a bola o domina.

Na sala do apartamento, dona Jandira, a mulher, tenta adivinhar com que idade ele vai deixar a bola:

– Acho que aos 41. Manga chega e desautoriza logo: não pensou nisso ainda.

– É muito cedo. Ainda não fiz planos? Sabe, acho que há maldade nessa preocupação com minha idade.

Exagero de Manga, que leva a sério qualquer referência a sua pessoa. As brincadeiras com sua idade, que começaram com a volta, em 74, que aumentaram este ano e que pelo jeito só vão cessar quando ele parar, nunca perderam o tom de admiração e ternura.

O primeiro recorde

Mas se as pessoas esquecem sua idade e se propõem a falar de sua carreira de grandes defesas no Sport, Botafogo, Seleção Brasileira, Nacional de Montevidéu e Inter, Manga mostra que sabe sorrir.

Em seu primeiro ano com a camisa de um clube, o juvenil de Sport, em 1955, já mostrou que não se tratava de um goleiro comum: não sofreu um gol.

– Foi quando ganhei o apelido, por causa do goleiro do Santos, que era o papão na época e se chamava Manga.

Almir viu aquilo, falou com o empresário Cier Barbosa (os dois já falecidos), e Manga foi levado ao Vasco. Mas ele já tinha contrato de gaveta e o Sport pediu 300 000 cruzeiros por seu passe. O negócio não foi à frente. Naquele ano mesmo ele seria o goleiro do time principal.

Por acaso. O Sport iniciava uma excursão à Europa e num jogo contra o Sporting, de Portugal, o famoso Osvaldo Baliza se machucou e foi desligado da delegação. Em Pernambuco, os dirigentes pensaram na compra de um goleiro, para fazer dupla com o reserva Carijó. Da Europa, Dante Bianchi mandou dizer que enviassem Manga. No terceiro jogo, na Holanda, ele entrou no time.

Só saiu três anos depois. Para o Botafogo, que pagou uma fortuna por seu passe.

Um outro Manga

Por essa época já tinha a fama de meio maluco, ingênuo e gozador que o acompanharia pela vida afora – fama capaz de esconder as outras facetas de seu caráter.

Quando se trata de relembrar fatos pitorescos envolvendo Manga, nota-se que estes superam sua condição de grande goleiro e qualquer outro aspecto de sua passagem pelo futebol carioca.

Entre as muitas histórias, há uma acontecida em sua primeira viagem com o Botafogo à Europa. No aeroporto de Madri, ele leu na ficha de entrada no país: "Apellido" (nome). Escreveu: Manga. Mais embaixo: "Nombre del padre". Benzeu-se.

Manga fez famosa uma frase: "Em dia de jogo com o Flamengo, deixo o dinheiro da feira com a nega, pois o bicho é certo".

Mas dinheiro nunca foi seu forte. Há os casos de renovação de contrato, em que ele sempre saiu perdendo.

Um dia, vencido um contrato em que ganhava 1 800 cruzeiros mensais, ele resolveu endurecer com os dirigentes. Pela cara, dava a entender que tinha preparado alguma manobra especial. Mas a tática se resumia à decisão de não deixar o interlocutor falar.

– Doutor, quero 2 000 por mês. Não assino por um tostão a menos.

O diretor se ajeitou na cadeira. A proposta que tinha para Manga – modesta, inclusive – era de 3 000 cruzeiros.

– Bem, Manga, eu queria...

– Não tem querer. Minha proposta é essa e não quero mais conversa.

Ato contínuo, resmungando – "Não sou bobo; se quiserem, é isso; senão me ponham a venda" – deixou a sala.

Renovou por 2 000 cruzeiros mensais. Mancadas? Deu muitas.

No Rio, a história mais popular de Manga ainda é a do desodorante. Zezé Moreira era o técnico do Nacional e ia viajar ao Rio. Manga lhe fez uma encomenda: "O senhor aproveite para me trazer o desodorante Ioiô, que aqui no Uruguai não tem."

No Rio, Zezé Moreira procurou em toda a parte o tal desodorante Ioiô e não encontrou. Só no dia da volta a mulher do técnico esclareceu o mistério:

– Zezé, não será o mil-e-dez? Era mesmo o 1010 – para Manga, Ioiô.

No Uruguai, Manga ficou mais famoso pela legenda de maior goleiro que pisou o país do que por suas histórias engraçadas.

Ele não queria ir. Ainda hoje diz que só foi por pressão do atual presidente, Rivadávia Correia Méier.

O manda-chuva

– Queria ficar no Brasil, mas o Botafogo botou meu passe a venda. Ainda tentei ir para o Atlético Mineiro, cheguei a ser carregado pelo povo de Belo Horizonte. Mas era uma transação muito complicada e o Atlético acabou desistindo. Fui para o Nacional, triste.

Lá, Manga logo desfez as suspeitas sobre seu caráter. Com uma única arma: a categoria. Desde a estréia, contra o Danúbio, a 7 de setembro de 1968, passaram-se 339 minutos sem que ele sofresse um gol.

O Nacional vivia uma fase difícil – por sua área andavam os Spencer, os Rocha, os Joya, os Abadie, todos supercraques do Peñarol. E seus goleiros não duravam. Manga não apenas durou, como acabou com as vitórias do Peñarol.

O charme lingüístico

Ele parece sentir falta de mais aplausos da torcida colorada. Também reclama de

"Nos meus 30 anos de técnico, jamais vi jogador mais sério, mais sincero e melhor goleiro que ele."

DANTE BIANCHI, PRIMEIRO TÉCNICO DE MANGA

que a imprensa não o procura tanto como no Uruguai. Lá, diante das câmeras de televisão que adora, viveria repetindo palavras em português: "jogar", "chutar", "partida", etc. Em Porto Alegre, quando dá entrevistas diz as mesmas palavras em espanhol: "jugar", "papear", "partido", etc. É o seu charme.

– Mas aqui quase não me convidam. Sei lá, o goleiro precisa defender três pênaltis num só partido para ir à televisão.

O que Manga, com seu adorável jeitão, gostaria mesmo de dizer é que espera como nunca voltar à Seleção Brasileira e ser campeão do mundo em 78.

O que seria o maior dos fenômenos. ◘

Com 17 anos, Mauro Galvão tornou-se titular do Internacional em 1979, conquistando o Campeonato Brasileiro logo no ano de sua estréia. Com técnica refinada e sua liderança natural, venceu quatro campeonatos estaduais e recebeu elogios até de Falcão. Ele só não precisava ir para o Grêmio depois...

O líbero brasileiro

POR EMANUEL MATTOS

RUDOLPHO MACHADO

Mauro Galvão foi um craque precoce. Apesar de sua juventude, ele impunha respeito no Inter

JOGANDO DE LÍBERO, ATRÁS DA ZAGA, MAURO GALVÃO ESBANJOU CLASSE E FOI O HERÓI DO INTER. COM O EMPATE, O GRÊMIO NÃO GARANTIU O TÍTULO DO 1º TURNO: O CAXIAS AINDA PODERÁ ALCANÇÁ-LO

De todas as declarações de Falcão nesta sua temporada de férias, nada surpreendeu mais que sua indicação de Mauro Galvão como o brasileiro ideal para vencer no futebol italiano. Minutos depois de encerrado o Gre-Nal em que o Inter arrancou o empate ao Grêmio em pleno estádio Olímpico, Falcão não se conteve e disse a Galvão:

— Magnífico, guri! Tu és o Scirea dos pampas!

Realmente, havia razões de sobra para Falcão comparar Mauro Galvão com Gaetano Scirea, o grande libero da Juventus e da Squadra Azzurra. Pois Galvão foi a arma que o técnico Cláudio Duarte empregou para dar um banho tático em Ênio Andrade, num jogo em que o Inter foi sempre superior, só não vencendo por mero detalhe:

Desta vez, o esquema pega-ratão adotado pelo treinador colorado foi simplesmente escalar Galvão atrás da linha de zagueiros — como um quinto beque, ao melhor estilo dos líberos italianos. Ali, ele jogou na sobra e esbanjou talento na antecipação, cobertura, além de ganhar os poucos combates diretos com carrinhos perfeitos.

Mais: orientou o time para sair rapidamente de trás; assumiu de vez as prerrogativas de capitão, ao pressionar o árbitro nas marcações contra sua equipe. Tudo como nos bons tempos do Internacional de Falcão.

Na verdade, Mauro Galvão personifica o Inter guerreiro, capaz de enfrentar qualquer inimigo fora de casa e, por mais poderoso que este seja, sair de campo de cabeça erguida. Por tudo isso, ele centralizava as manifestações de carinho dos jogadores, técnico e dirigentes, ao longo da curta viagem de retomo do ônibus do Inter ao Beira-Rio.

Generoso, fez questão de dar de presente as garrafas de vinho que recebeu por ter sido eleito o melhor em campo. Deu uma ao médico que o operou, ofereceu outra ao técnico e guardou três para si mesmo. Mas, em lance infeliz, o massagista Bigode deixou cair a caixa na entrada do vestiário e as garrafas se espatifaram todas.

— Não faz mal, dizia Mauro, já de banho tomado, dançando ao som do potente rádio que leva para a concentração. O que importa é o reconhecimento ao Inter. Nosso time tem futebol suficiente para ganhar de qualquer adversário, e não para ser goleado, como alguns diziam antes do Gre-Nal.

Vestiu a calça de veludo, blusa de lã, botinha de camurça. E ficou encabulado ao ouvir o cumprimento de Mário Sérgio, último a sair: "Parabéns, garoto!"

Entrou no Puma 80 conversível vermelho e preto que vem testando, agora que tirou sua carteira de habilitação. Se aprovar o carro — "vai ser o primeiro da minha vida" — terá de pagar 500 mil cruzeiros, financiados em 18 prestações. Em poucos minutos, ele chega à casa dos pais, pertinho do estádio. Beija a mãe, dona Luzia, e o pai, seu Oquelésio. Ambos tinham ido ao jogo e estavam emocionados com a atuação do filho.

Feliz, enquanto aguarda a ligação telefônica da noiva, Mauro Galvão projeta o futuro do Inter no Campeonato Gaúcho. Nem parece um guri de apenas 19 anos, chamado de Cocotinha pelos companheiros, quando encara desafiadoramente o Grêmio:

— Tínhamos que mostrar que, se eles podem tocar 5 x 0 no Caxias, conosco a conversa é diferente. Nos meus dois anos de profissional, nunca perdi Gre-Nal, e não vou perder tão cedo. Para ganhar este campeonato, só falta encontrar uma fórmula de não perder jogos contra os times do interior. A fórmula? Não sei. É difícil explicar: eles viram leões contra nós, mas contra o Grêmio fazem pênalti de graça.

Um desabafo sincero e merecido do jogador que ignorou o favoritismo do Grêmio e por isso mesmo foi o grande nome do clássico. Se vai mudar algo no futuro, é difícil dizer. Mas os gremistas, pelo menos, não puderam comemorar o título do primeiro turno. Se o Caxias ganhar as quatro partidas que faltam, somará o mesmo número de pontos (18), e o ponto extra do turno será disputado numa nova partida — a ser eventualmente disputada após o retorno do Grêmio de sua excursão a gramados da Europa e dos Estados Unidos.

O empate, enfim, valeu como uma vitória para o Inter, e teve sabor de derrota para o rival. Prova disso foi a reação das torcidas. Os gremistas apupavam o time no final. Os colorados, mais tarde, saíram do Olímpico tocando flauta:

— O Grêmio só foi campeão do Brasil porque não jogou com o Inter.

NICO ESTEVES

"Tínhamos que mostrar que se eles podem tocar 5 x 0 no Caxias, conosco a conversa é diferente.Nos meus dois anos de profissional, nunca perdi Gre-Nal, e não vou perder tão cedo."

MAURO GALVÃO

Bira teve um início difícil no Inter: as contusões começaram a persegui-lo e ele teve medo de não conseguir mostrar todo o seu futebol. Mas, com fé e coragem, conseguiu reverter a situação e, com seus gols, confirmou o aval dado por Dario para sua contratação.

O gol é minha benção!

ELE CORRE NA FRENTE DO AZAR E ATRÁS DA BOLA, REZANDO E MARCANDO GOLS

POR EMANOEL MATTOS

Esse negro que chora sozinho, sentado no banco do vestiário, nem parece aquele centroavante forte, de futebol alegre, que há pouco marcou um golaço. Braço direito na tipóia, mão esquerda escondendo o rosto, Bira chora. Não é dor. É medo: foi sua quarta partida no Internacional, e a quarta sem completar 90 minutos. Bateu o pavor.

Na estréia, contra o Santa Cruz, marcou um gol e quebrou o braço. Na volta, um mês depois, dois gols contra o Rio Branco e luxação na clavícula. No terceiro, diante do Goytacaz, não marcou porque saiu antes, sentindo o braço. No quarto, contra o São Paulo, levou um pontapé no mesmo braço, mas ainda resistiu até marcar seu gol. Depois, saiu de campo chorando. E prometeu:

— Não jogo mais com a camisa 9.

Na manhã seguinte à promessa, Ubiratã Silva do Espírito Santo ajeita cuidadosamente os cabelos em frente ao espelho do banheiro. A radiografia tirada logo depois do jogo não acusou fratura. A dor passou. Agora, esse amapaense nascido há 24 anos em Macapá canta alto, fazendo eco no apartamento vazio, comprado por Cr$ 1,2 milhão:

"Se você crê em Deus, erga as mãos para os céus e agradeça..."

— Bira, você é religioso?

— Claro. Sou devoto de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Em Belém, fazia novena toda semana. Aqui, estou sentindo falta da santa, sabe?

— Você acha que ela o abandonou?

— Não. Tenho muita fé que não. E essa fé que me tem ajudado nas horas ruins. Por isso tenho certeza de que ela não vai me abandonar agora.

"Parece que sou de vidro. Vou falar com os dirigentes e largar a camisa 9. Só pode ser ela. Está pesando demais"

BIRA

— E como explicar os quatro jogos sem completar 90 minutos?

Bira pára e pensa. Agora, dá uma volta no tempo. E um garoto de 20 anos, recém-saído do quartel em Macapá, filho do seu Erondino e da dona Joana, mais sete irmãos, todos vivos graças a Deus. Joga futebol no Esporte Clube Macapá, amador como todos os times do território. A única perspectiva são os clubes do Norte, que de vez em quando aparecem para os amistosos. Vem o Paysandu e Bira não perde a chance. Logo depois está em Belém, levando muita saudade do Amapá e a proteção da Santa. O azar não existe.

Final de 1976. Bira é pivô de uma das maiores crises do futebol do Pará. Os dirigentes do Paysandu rasuram seu contrato, alterando a duração de um para dois anos. O Remo descobre e protesta. Para não perder os pontos, o Paysandu faz um incrível negócio: troca Bira pelo título de campeão e mais 50 mil. Uma transação inédita no futebol mundial: um jogador pelo campeonato. Outro final feliz na carreira de Bira.

Setembro de 1979. O diretor de futebol do Inter, Frederico Ballvé, telefona para Dario, ex-Inter, atualmente no Paysandu.

— Ele joga essa bola toda ou é onda da imprensa? — pergunta o dirigente.

— Joga, doutor — responde Dario. Contrata que eu assino embaixo.

Era o aval que faltava. Logo depois, o artilheiro dos dois últimos campeonatos paraenses rumava para o Sul. Até aí, tudo ainda era sorte.

Em Porto Alegre, as lesões e o azar. Logo ele, que nunca, em toda sua carreira, tivera qualquer tipo de lesão.

— Isso é ruim. Os caras começam a falar. Parece que eu sou de vidro. Então, dá o desespero. Vou falar com os dirigentes e largar a camisa 9. Não é possível. Só pode ser ela. Está pesando demais.

— E por que não vai na santa, Bira?

A gruta de Nossa Senhora de Lourdes fica no Morro da Glória. É a mais tradicional da cidade, e já virou atração turística. Em volta da santa, milhares de ex-votos afixados, por graças alcançadas. Bira coloca a camisa 9 ao lado das velas. Ajoelhado, mãos postas, ele reza. Fica assim, durante algum tempo, em total concentração. Depois, caminha pela gruta, lendo os agradecimentos com curiosidade. Na saída, confessa:

— Puxa, me sinto aliviado!

No Beira-Rio, surpresa:

— Mudei de idéia, pessoal. Vou continuar jogando com a 9. Tomei umas providências aí e agora tenho certeza que o azar vai me largar de mão.

Pisca o olho, disfarça, sai de fininho. Pouco adiante, dá meia-volta. Sorriso aberto, promete:

— Agora, chega de jogos incompletos. Continuarei fazendo gols em 90 minutos.

Bira é outro. Caminha rumo ao portão do Beira-Rio, feliz, protegido.

Bira desperdiça uma
chance: fato raro na vida
do artilheiro no Inter

Ninguém ganhou tantos títulos pelo Internacional quanto Valdomiro. De 1969 a 1976, ele papou o octacampeonato gaúcho, além de conquistar mais um título estadual em 1978, quando fez os dois gols decisivos na vitória por 2 x 1 contra o Grêmio.

Adeus, velho!

POR EMANUEL MATTOS

QUANDO ELE CHEGOU, MAL SABIA FAZER UM CRUZAMENTO. MAS VALDOMIRO SE SUPEROU. A PONTO DE SE TRANSFORMAR EM SÍMBOLO DAS VITÓRIAS DO INTERNACIONAL

— Olha, só vou embora porque ganharei, em 10 meses na Colômbia, mais do que durante os 12 anos de Inter.

Partindo de Valdomiro Vaz Franco, 34 anos, nove títulos gaúchos e três brasileiros, a revelação chega a ser chocante. Mas só isso foi capaz de silenciar os apelos chorosos que ele e sua mulher Natália recebiam de colorados, inconformados com a ida do ponteiro para o Millonarios de Bogotá.

— O Inter nunca me valorizou como devia — desabafa ele, em sua última entrevista à PLACAR. — Não fiz um só contrato vantajoso em todo esse tempo. Os dirigentes faziam promessas, mas chegava a hora do contrato e diziam que não tinham dinheiro. Eu acabava assinando pela primeira oferta. Fiz isso consciente, por amor ao clube. Agora, reconheço: foi este amor que me prejudicou.

Valdomiro custou a se libertar do vínculo emocional que o prendia ao Inter. Tanto que foi preciso o presidente do Millonarios, Álvaro Gutierrez, aumentar substancialmente sua primeira proposta. "Ele é um profissional sério e dedicado, e merece", garantiu-lhe o técnico José Teixeira, que Gutierrez acabara de contratar. E Valdomiro afinal assinou pelo equivalente a 800 mil cruzeiros mensais, entre luvas e ordenados — livres de imposto de renda.

— Duvido que algum jogador do Brasil ganhe tanto — afirma ele.

Com a saída de Valdomiro, o Inter e sua torcida perdem o último representante da geração que conquistou o título gaúcho de 1969, ano da inauguração do Beira-Rio. É o jogador símbolo da melhor fase da história do clube — provam as duas placas de bronze colocadas à entrada do vestiário. Figueroa foi o ídolo amado por todos; mas Valdomiro foi a raiva, a revolta, o entusiasmo e a paixão da torcida colorada. Decidiu muitos títulos com alguns de seus 187 gols marcados nos 12 anos — foi um desses raros pontas artilheiros. Fez cruzamentos mortais para centenas de outros gols, marcados por inumeráveis atacantes que vestiram a 9 vermelha. Lutou e correu sempre. Nunca reclamou. Ano passado, recebeu o seu Belfort Duarte. E pensar que esse jogador chegou a ser vaiado em seus primeiros anos de Inter. Daltro Menezes, técnico colorado de 1968 a 71, chega a rir ao se lembrar:

Com Valdomiro em campo, a torcida do Inter viveu momentos de hegemonia no futebol gaúcho

— Tinham raiva de mim porque eu mantinha o Valdomiro no time. A torcida me chamava de burro. Enfrentei a opinião pública mas provei que tinha razão.

— Isso tem muito a ver com as minas de carvão onde eu trabalhava, em Santa Catarina — é Valdomiro explicando por que nunca se abateu. — Lá, eu dei duro e mesmo assim fui demitido. Aprendi a dar valor ao dinheiro e entender as injustiças do mundo. Passei muito sacrifício porque sempre quis ter as minhas coisas, meu carro, meu apartamento. Só no sofrimento a gente aprende essas coisas.

Foi essa filosofia simples que transformou o Valdomiro vaiado em vencedor e ídolo da torcida. Talvez por isso ela tenha custado tanto a aceitar a idéia de não vê-lo mais com a camisa 7. E não foram poucos os que estiveram no Beira-Rio para lhe prestar as últimas homenagens. Valdomiro se despediu de todos, abraçou comovido o roupeiro Rosa, limpou o armário 161, que usou desde a inauguração do Beira-Rio, e o entregou ao recém-promovido juvenil Popéia.

— Este menino — disse — tem tudo para me substituir. Sempre ouviu meus conselhos.

Depois, uma passada pela capela interna do vestiário. Entre as muitas imagens, ali está a de Santa Rita de Cássia, trazida pelo próprio Valdomiro. Na saída, as últimas entrevistas. Ele quase chora ao falar nos planos que adiou.

— Meu futuro estava traçado: mais um ano de futebol, um jogo de despedida e, quem sabe, continuar no Inter como funcionário. Pensava até aceitar o convite para ser candidato a vereador pelo PMDB. Seria muito importante para mim, pois sempre gostei de ajudar os pobres.

Antes do embarque, um último momento de descanso. Ele está em casa, ao lado de Natália e do filho Valdomiro André, de 5 anos. Nesse momento, Valdomiro mostra mesmo o que sente por ter de ir embora.

— Olha, não tem sido fácil. Nestes últimos dias chorei muito. Estava tudo trancado aqui dentro, mas chegou o momento em que não deu mais para agüentar.

Na despedida, a figura simples e humana de Valdomiro brilha mais uma vez:

— Pode escrever: eu ainda volto para o Inter. Quero treinar os garotos, ensinar coisas boas, alertar para os vícios. Se não der, espero que me aceitem pelo menos como funcionário do clube. Acho que deve ter alguma coisa que eu possa fazer no Beira-Rio, não?

"Olha, não tem sido fácil. Nestes últimos dias chorei muito. Estava tudo trancado aqui dentro, mas não deu mais para agüentar."

VALDOMIRO, SOBRE SUA SAÍDA DO INTERNACIONAL

Benitez 1981

Fazendo verdadeiros milagres no gol do time colorado, Benitez foi campeão brasileiro em 1979 e ajudou a equipe gaúcha a conquistar os estaduais de 1978, 81/82/83. Interrompeu sua carreira prematuramente ao chocar-se com um adversário e quase ficar paralítico.

O melhor goleiro de Porto Alegre

POR EMANUEL MATTOS

EMPRESTADO AO PALMEIRAS, ELE EMPOLGOU A TORCIDA, MAS SAIU QUANDO LEÃO VOLTOU DA COPA. AGORA, OS COLORADOS PROMOVEM A VINGANÇA: SE LEÃO NÃO É NEM O MELHOR DA CIDADE, COMO PODE QUERER JOGAR NA SELEÇÃO?

Tendo em vista o excessivo número de gols que Leão, do Grêmio, tem tomado nesta Taça de Ouro —15 gols em 11 partidas, média de 1,3 — e a suposta antipatia de Telê, que não o convoca para a Seleção, colorados bem-humorados saíram-se com esta, dias atrás, na Rua da Praia: "Ele não é nem o melhor goleiro de Porto Alegre e quer ser titular da Seleção Brasileira?"

José de la Cruz Benitez de la Santa Cruz, goleiro do Inter — 10 gols em 11 partidas, média de 0,9 —, solta uma gargalhada quando sabe disso e esparrama seus 89 kg sobre o sofá da sala. Gosta, pois sabe que a ironia com Leão é no fundo o melhor elogio que poderiam lhe fazer: apesar de morar na mesma cidade que abriga um goleiro que já participou de três Copas do Mundo, ele é considerado o melhor. Rir, sem fazer comentários: essa é, sem dúvida, a manifestação mais adequada para quem passou quatro anos sofrendo humilhações e finalmente vê, aos 28 anos, seu talento ser reconhecido. Como aconteceu ainda no último dia 11. À saída do Pacaembu, depois de sua magnífica atuação contra o Palmeiras, um grupo de torcedores se lamentava: "Por que esse paraguaio foi nos deixar?"

Imenso, dolorido ciúme de torcedor. Gratificação para esse grandalhão de aparência de índio guarani. Pois quando o

"Aprendi a lutar, pois no Paraguai tudo era fácil. Prefiro ser um brasileiro rico a um paraguaio pobre"
BENITEZ

Inter o emprestou ao Palmeiras, no Brasileiro de 1978, fez defesas maravilhosas, ficou dez partidas sem tomar gol e ajudou a classificar o time — mas quando Leão voltou da Copa tentaram humilhá-lo com a reserva.

Orgulhoso, preferiu ficar encostado em Porto Alegre, mas o Inter, pensando em trazer Figueroa de volta, chegou a ensaiar uma proposta indecorosa: como o clube não poderia ter dois estrangeiros, quem sabe ele, Benitez, ficava como funcionário da biblioteca? Na verdade, aquilo era apenas a seqüência de seu sofrimento. Quando chegou, em 1977, com o cartaz de melhor goleiro do Paraguai, ficou quatro meses na reserva de Manga: "Nunca imaginei que um dia disputaria a posição com um goleiro que estava no meu álbum de figurinhas". E as frustrações continuariam em 1980: fraturou a perna e, ao voltar, teve que disputar o lugar com o esforçado Gasperin. "Mas foi útil. Aprendi a lutar, pois no Paraguai tudo era fácil."

Em sua vida, de fato, o azar sempre foi seguido de provas de persistência. O exemplo são as sete cirurgias que já sofreu: quatro de meniscos, de tornozelo, cotovelo e amígdalas. Nunca pensou em desistir. E joga com uma placa de platina e quatro parafusos no tornozelo esquerdo. Às vezes dói, mas a gana de jogar é tanta que até esquece. "Só não sei se vou agüentar até o fim da Taça de Ouro sem nova operação para tirar a platina e os parafusos", assusta.

Acontecer isso agora seria de cortar o coração — o de Benitez e o de quem está ao seu lado nessa luta. Como Schneider, o treinador de goleiros, que diz: "Esse gringo tem tudo — tranqüilidade, uma autoconfiança que contagia os companheiros, boa saída de gol e uma colocação tão perfeita que raramente pratica uma defesa espetacular".

E pensar que o dono de todas essas qualidades não queria ser goleiro. Por quê? Porque seu pai, o grande Manuel Benitez, tinha sido um fantástico goleiro do Olímpia e da Seleção Paraguaia — e o garoto Benitez não queria nada que o ligasse ao pai. E por que não? "Ele era um boêmio e se separou de minha mãe quando eu tinha 2 anos. Viveu com muitas mulheres. Até hoje nem sei quantos irmãos tenho. Uma vez, quando eu estava num hospital de Assunção, chegou um cara parecido comigo e disse: 'Olá, sou Rafael, teu irmão'. Conheço uns 17 irmãos e sei que ainda faltam alguns." Mas a fatalidade se impôs à sua vontade de se tornar centroavante do Olímpia: virou goleiro — do Olímpia e da Seleção Paraguaia, como o pai. "O mundo perdeu um novo Keegan", brinca.

FOTOS NICO ESTEVES

Apesar de suas várias contusões, o gringo Benitez sempre foi considerado um dos melhores do país

Tudo isso, porém, faz parte de um passado distante, que ele relembra apenas quando bota no toca-disco uma guarânia de Luís Alberto del Paraná. Até já desistiu de vestir outra vez a camisa da Seleção, diante da decisão do Inter de não liberá-lo. E até mesmo está se naturalizando, a troco de um bom dinheiro.

Para os que o acusam de argentário, limita-se a uma ironia: "Prefiro ser um brasileiro rico a um paraguaio pobre".

E solta outra gargalhada, livre, espontânea — bem própria de quem é considerado não apenas o melhor goleiro de Porto Alegre, mas um dos melhores do Brasil.

Cleo passou por momentos turbulentos pouco antes de viajar para a Espanha, onde jogaria no Barcelona. Uma entrevista recheada de declarações picantes e uma foto nu foram mais do que suficientes para tumultuar sua vida. Mas, quando retornou ao Inter, fez o que sabia melhor: jogar futebol.

Escândalo
Cleo: Um nu na hora errada

POSOU PARA UM JORNAL DE AMENIDADES, CONTOU AVENTURAS AMOROSAS. E VOOU PARA A ESPANHA...

POR DIVINO FONSECA

Cleo parte com a bola dominada, seguido por Jones: superexposição prejudicou a carreira

As comparações de Cleo com Falcão sempre foram forçadas: decididamente, a técnica do primeiro é inferior à do segundo. Mas pelo menos duas semelhanças já ligam suas carreiras. Como o hoje deus do Roma, Cleo Hickmann, 22 anos, parte para a Europa depois de despertar idolatrias no Inter — foi emprestado ao Barcelona, da Espanha, por três meses — e, agora, vê surgirem mal-entendidos sobre sua masculinidade.

De fato, o embarque de Cleo, na última terça-feira, despertou tanta atenção quanto o caso da entrevista que concedeu ao mensário gaúcho de futilidades Imagens News, em que revela já ter passado por experiências homossexuais. Antes de ir embora, Cleo — que também posara nu para o jornal — tentou alegar que fizera declarações para não serem publicadas, disse temer ser destruído e, com absoluta precisão, concluiu: "Fiz uma babaquice".

NICO ESTEVES

Enquanto o loiro meia-cancha, até então um notório mulherengo, voava para a Espanha, o autor da entrevista, o colunista social Roberto Gigante, tratava de aumentar a promoção do número 2 do *Imagens News*, que irá às bancas esta semana com uma tiragem dobrada de 20 mil exemplares. Dono de coluna em jornal e espaço na tevê de Porto Alegre, ele antecipou que editaria inclusive trechos que inicialmente decidira cortar. "Cleo afirma ter vivido experiências com homens na adolescência, entre outras coisas, embora tais fatos não se manifestem nas concentrações", revelou o irado Gigante, que, em mais uma coincidência, manteve no passado uma sólida amizade com Falcão.

Sempre é bom lembrar que, há sete anos, o goleiro Leão, então no auge da fama, posara apenas de sunga para a revista feminina *Nova*, recebendo na época um alto cachê. Mas Leão fez isso deliberadamente e sua fotografia, que não foi acompanhada de declarações comprometedoras, atingiu apenas o público de mulheres que lê *Nova*. Já Cleo mostrou-se ingênuo ao confiar em quem não devia e por certo não percebeu que tais assuntos acabam quase sempre caindo em baixo nível.

De qualquer forma, ele viajou esperançoso. No Barcelona, espera tapar a lacuna do lesionado alemão Schuster — uma das estrelas do futebol europeu e casado, por sinal, com uma modelo, Gabi, que já posou, inteiramente despida, para uma revista da Alemanha.

Nus à parte, a responsabilidade de Cleo é grande. Primeiro, o milionário clube catalão tentou levar Sócrates, que recusou uma proposta para ganhar 390 milhões de cruzeiros. Depois, cobiçou Cerezo, que o técnico Udo Lattek vetou ao ver jogar. E afinal se fixou em Cleo, indicado pelo velho, lendário treinador Helenio Herrera, que presenciara sua magnífica atuação no Inter x Velez Sarsfield de 1980, no Beira-Rio, pela Libertadores.

"Cleo afirma ter vivido experiências com homens na adolescência, entre outras coisas, embora tais fatos não se manifestem nas concentrações"

ROBERTO GIGANTE, COLUNISTA SOCIAL

"Craque do Ano" no Rio Grande do Sul no ano passado, Cleo terá a torcida de todos os dirigentes colorados: se os espanhóis quiserem ficar com ele em definitivo, o clube receberá o equivalente a 95 milhões de cruzeiros, mais o passe do brasileiro Guina, cuja liberação o Barcelona tenta junto ao Múrcia para emprestá-lo ao Inter também por três meses.

"O Cleo vai dar certo", aposta o diretor de futebol do Inter, Frederico Ballvé. "Os espanhóis gostam de movimento. O Didi fracassou no Real Madrid em 1959 porque jogava parado. O Cleo, não. Correr é com ele mesmo."

Para dar certo, Cleo espera que a fofoqueira imprensa espanhola e sua conservadora sociedade fixem-se exclusivamente no jogo que ele pretende mostrar. Por via das dúvidas, porém, antecipou seu casamento, que seria em junho. Sua noiva, a morena Maria José, de quem se despediu com sofridos beijos no aeroporto Salgado Filho, embarca para Barcelona na próxima semana levando um par de alianças na bagagem.

Símbolo de garra e valentia, Dunga profissionalizou-se no próprio Inter em 1983, ano em que ganhou o Campeonato Gaúcho, repetindo a dose em 1984. Depois de 15 anos longe do colorado, o volante retornou ao clube em 1999 para fazer o gol que livrou o Inter do rebaixamento para a Segundona.

A conquista do Beira-Rio

POR DIVINO FONSECA

CONSAGRADO NO MUNDIAL DE JUNIORES E NO PAN, ELE VOLTOU PARA O INTER COMO RESERVA E QUASE CAIU EM DESGRAÇA. MAS AGORA, ENFIM TITULAR, TEM SEU TALENTO RECONHECIDO

O sonho acabou. Autor de 80 gols nos três campeonatos que disputou nas divisões inferiores do Internacional, em 1980, 81 e 82, Dunga viu despedaçar, na semana passada, o seu projeto de transformar-se num grande artilheiro do futebol gaúcho: o técnico Dino Sani decidiu que ele não é ponta-de-lança coisa nenhuma e confirmou-o como volante, posição que Dunga vinha ocupando nas últimas seleções brasileiras de amadores.

Sem masoquismo, foi um prazer. Pelo menos significou a assinatura do primeiro contrato e, por parte de Dino, uma concessão: a de que ele pode preencher alguma posição na equipe do Inter. Quando embarcou com a Seleção de Juniores para o Pan-Americano de Caracas, sua situação era inversa. Dino achava que ele era lento demais para sonhar em ser meio-campista e o diretor de futebol Umberto Rímoli, irritado com sua pretensão de fazer um contrato digno, colocara seu passe à venda.

"Na verdade", acentua Dunga, "ainda sinto uma certa saudade dos meus tempos de artilheiro e o contrato que assinei é aquilo que sempre acontece no primeiro contrato: é ruim, mas inevitável. Mas o importante é que consegui tornar-me profissional do Inter e ser aceito pelo técnico. Já é um bom começo." Mais do que aceito, pode-se afirmar que Dunga já é mesmo admirado por Dino, seu treinador. "Na distribuição do jogo, ele é melhor do que o atual dono da posição, o Ademir."

A reviravolta deu-se por uma mistura de acaso e súbito juízo dos dirigentes colorados. Capitão da Seleção, o volante Dunga destacava-se nas partidas do Pan. Enquanto isso, o meia-armador Müller machucava-se e era mandado de volta da Espanha, por onde o Inter excursionava. Que fizeram os dirigentes? Acertaram rapidamente a assinatura de contrato com o procurador de Dunga — o deputado federal Emídio Perondi, do PDS — e, tão logo a Seleção foi eliminada, despacharam o jogador da Venezuela para a Espanha. O resto ficou por conta de Dunga. "Ele entrou ao lado de Ademir, como segundo volante, e liberou Rubén Paz para as tarefas ofensivas. Teve belas atuações", atesta Dino.

ADOLFO GERCHMANN

"O importante é que me tornei profissional do Inter e fui aceito pelo técnico. Um bom começo."
DUNGA

O técnico, entretanto, continua fazendo restrições ao seu mais novo profissional: "Eu não posso colocá-lo como ponta-de-lança, porque o Rubén Paz é meu titular absoluto. E, como meia-armador que faz o vaivém, também não, porque ele não tem mobilidade para cumprir essa função — é muito pesado".

Estudante do terceiro ano do segundo grau e com pretensão de fazer o curso de Direito, Dunga já demonstra boas qualidades de argumentador: "Eu poderia responder ao Dino que, como volante, posição em que ele está gostando de me ver, faço a mesma movimentação, só que em sentido transversal". De qualquer forma, ele não quer polêmica com o treinador: "A gente não exige as coisas. Mostra jogando".

Seja como for, os colorados respiram aliviados, por acharem que foi afastada a única hipótese que não interessava ao clube: a venda de Dunga, jogador cobiçado por vários outros times. Afinal, Carlos Caetano Bledorn Verri, gaúcho de Ijuí, 75 kg bem socados em 1,77 m, um touro com apelido de anão, irrompeu com tanta fúria na vida do Inter, há três anos, que ainda hoje são poucos os que não lhe prevêem um futuro brilhante — trata-se, dizem, de um legítimo produto da fábrica colorada de meio-campistas, que nos anos 70 forneceu Carpegiani, Falcão, Batista e Caçapava, entre outros. "Acho que está aí um novo Caçapava", arrisca o massagista Bigode.

É uma boa comparação. Caçapava surgiu nos infanto-juvenis do Internacional, dez anos atrás, também como ponta-de-lança, embora sem as virtudes de goleador de Dunga. E, sobretudo, são parecidos na força física. Em 1980 e 81, três jogadores tiveram a desventura de se chocar com Dunga e saíram direto para o hospital — um goleiro com os ligamentos do joelho rompidos, um lateral com o tornozelo trincado e um beque com a perna partida. "Tudo lance casual", diz.

Planos? "Casar com a Vanda, minha noiva, quando fizer um bom contrato. Até já comprei o apartamento." E as Olimpíadas de Los Angeles, no próximo ano? "Se estiver de titular aqui, não quero ir. Foi uma briga tão grande ganhar uma posição no Inter, que eu tenho medo de voltar com uma medalha de ouro para sentar no banco de reservas." ●

Dando o seu carrinho, marca registrada: desde menino, Dunga rachava para valer

Rubén Paz defendeu o Inter de 1982 a 86. O uruguaio conseguiu a façanha de ser eleito o melhor jogador em atividade no Rio Grande Sul justamente em 1983, ano em que o maior rival do colorado, o Grêmio, havia sido campeão mundial. Com o Inter, Paz foi tricampeão gaúcho: 1982/83/84.

Rubén Paz desfilava toda sua categoria com a camisa do Internacional

O perigo vermelho

CHAMAM-NO TCHÉ. E O TALENTO DE RUBÉN PAZ COMEÇA A APAVORAR OS ADVERSÁRIOS DO INTER

POR DIVINO FONSECA

O uruguaio Rubén Walter Paz Marques é o mais notável motivo da excelente arrancada do Inter na Taça de Ouro: sete pontos em oito possíveis.

Na noite de quarta-feira passada, os torcedores colorados foram ao Beira-Rio na esperança de que seu ídolo repetisse contra o Fluminense a atuação de três dias antes, quando destroçara o Botafogo praticamente sozinho. Não foi possível: o jogo terminou 1 x 1, mas de qualquer forma o uruguaio esteve entre os melhores em campo mais uma vez.

O fato de ele não construir vitórias em todas as partidas não muda a opinião do técnico do Inter, Otacílio Gonçalves, que diz estar diante de um dos melhores jogadores do mundo na atualidade. "Que ele é o melhor do Brasil, não há dúvida. E também não tenho visto ninguém superior no Campeonato Italiano", elogia Otacílio.

A enxurrada de elogios envaidece o uruguaio, mas não diminui seu constrangimento ao falar de si mesmo. "Acho que o melhor do mundo é Platini, e isso sem desprezar Maradona", opina. E justifica: "A perna esquerda de Platini é melhor que a minha direita. Ele é ótimo no jogo aéreo, e eu cabeceio pouco. Além do mais, ele é um artilheiro, enquanto eu me dedico mais à articulação de jogadas."

O Inter ia vendê-lo

O brilho desse astro aos olhos do Brasil se dá imediatamente após sua escolha como melhor jogador do Campeonato Gaúcho.

Fora de Porto Alegre, recorda-se dele apenas como um cometa de brilho bonito, mas fugaz. Afinal, o Inter, com uma equipe medíocre, não ultrapassava a segunda fase do Campeonato Brasileiro. Mesmo na capital gaúcha, porém, Paz enfrentou períodos turbulentos, sobretudo em 1982, ano de sua contratação ao Peñarol. As críticas principais: não ajudava na marcação e fazia poucos gols. A gradual superação pode ser medida pelo número de gols que foi marcando a cada ano: oito em 63 jogos, em 1982; 22 em 60 jogos, em 1983; e 23 em 45 jogos, em 1984.

Contudo, seria errado concluir que sua ascensão se deve apenas a ele mesmo. A verdade é que a equipe melhorou muito, a partir do fracasso no Campeonato Brasileiro do ano passado, e criou condições para que Paz explodisse definitivamente: conquistou o Torneio Heleno Nunes, a Copa Kirin, no Japão, e o tetracampeonato gaúcho.

"Eu sou testemunha do momento em que ele se transformou num novo Rubén Paz", orgulha-se Otacílio. "Foi durante a Copa Kirin, em junho do ano passado. Quando chegou ao Japão, Rubén percebeu que toda a publicidade do torneio era feita em cima dele, embora também participassem a Seleção da Irlanda do Norte e o Toulouse, da França. Ali, ele se tornou um jogador maduro, consciente de seu valor. E, desde então, passou a jogar com naturalidade, com total confiança."

Para um clube que avalia seu craque em 2 milhões de dólares, não deixa de ser irônico o fato de que, apenas um ano atrás, quase o vendeu por um quinto disso ao América de Cáli, na Colômbia. "O negócio só não saiu porque eu me recusei a ir para o América ganhando menos do que recebia no Inter", recorda Paz com um sorriso, também irônico. "Bem, talvez na época fosse mesmo 400 000 dólares o preço dele no mercado", defende-se o presidente Borba, sem muita convicção.

Antes disso, em agosto de 1983, o Inter pensou em trocá-lo pelo zagueiro Oliveira, do Peñarol. E, naquele mesmo mês, estourou nos jornais uma bombástica declaração do à época diretor de futebol Umberto Rimoli: "Rubén Paz não veste mais a camisa do Inter". Era a propósito dos 27 000 dólares que o clube devia ao craque desde sua contratação, e que ele cobrava publicamente. Com a intervenção dos outros jogadores, o caso foi superado. "Eu era apenas porta-voz da diretoria e voto vencido", diz hoje Rimoli, eximindo-se de culpa.

"Quer saber de uma das razões de meu rendimento? É que agora eu vivo tranqüilo", diz Paz. "Havia épocas em que eu acordava de manhã e pensava: 'Será que quando chegar ao estádio, daqui a pouco, já não estarei vendido?' Duvido que haja algum atleta que produza o máximo nessas condições."

Conclui-se então que, nesses episódios, o jogador teve mais juízo que sorte — e o clube, o contrário disso. Mas, nas condições atuais, essas são questões que as duas partes gostariam de ver enterradas. No que toca a Paz porque se trata, no fundo, de uma pessoa bem-humorada, que gosta de se divertir, ao contrário do que aparenta quando trata de negócios ou de entrevistas. Casado com a uruguaia Marisa e pai da porto-alegrense Maria Fernanda, de 2 anos, "não existe moleque mais irreverente que ele quando a hora é de brincadeira", define Otacílio.

Nas concentrações, um bom programa de tevê jamais é visto em total relaxamento porque "Tchê", como o chamam, é capaz de desligar a chave geral e, na maior cara-de-pau, aparecer na sala estranhando a falta de luz. Passa trotes ao telefone, acorda companheiros para mentir que um repórter os espera na sala de imprensa.

Sem lugar na Celeste

Mas ele se torna mais uruguaio do que nunca quando o assunto é política. Chegou a ficar amuado porque o Inter não lhe conseguiu um jatinho para que ele fosse a Artigas votar nas eleições presidenciais em seu país. Era um dia de Gre-Nal decisivo, mas ele achava que poderia ir, votar no candidato do Partido Blanco, Alberto Zumaran, afinal derrotado, e voltar a tempo de entrar em campo.

Aos 17 anos, em 1977, Rubén deu adeus aos banhos no Rio Quaraí, seu pequeno Peñarol local e foi ficar famoso no Peñarol de Montevidéu. Lá, foi ponta-esquerda, centroavante e até ponta-direita, antes que o mundo descobrisse o talentoso meia-esquerda que ajudaria o Uruguai a se sagrar campeão do Mundialito de 1981, derrotando o Brasil na final.

Em 1982, a revista italiana *Guerin Sportivo*, ao fazer um levantamento das atrações da Copa do Mundo, concluía que só um grande craque internacional estaria ausente da Espanha: Rubén Paz. Dois anos depois, quando seguramente ele estava jogando mais que naquela época, Uruguai nem sequer cogita de convocá-lo. Por quê? "Não sei direito", resmunga Paz, sem esconder uma certa mágoa. "Falou-se que os estrangeiros teriam de se submeter aos salários da Associação Uruguaia de Futebol, que seriam baixos, mas nem me perguntaram se eu toparia. Se eu aceitaria? Claro que sim."

Na verdade, o técnico Omar Borrás nunca pensou em convocá-lo. Desde 1982, Borrás tenta escalar a equipe-base que conquistou o Torneio da Índia daquele ano. E o meia-esquerda era e é Francescoli, atualmente no River Plate, de Buenos Aires, tido como tão habilidoso quanto Paz. Para Otacílio Gonçalves, trata-se de uma heresia: "Não conheço esse rapaz,

LEMYR MARTINS

"Acima de tudo, eu me sinto reconfortado. Estou feliz. Sinto alegria em jogar futebol."
RUBÉN PAZ

só que o Tchê é muito melhor", aposta.

Não é só no Uruguai que Paz é julgado prescindível. Ainda que raras hoje em dia, persistem em Porto Alegre opiniões que negam seu talento. "Ainda não estou convencido", diz Haroldo de Souza, narrador da Rádio Gaúcha.

Essas críticas, contudo, estão soterradas por uma imensa maioria de opiniões favoráveis. E o Tchê, assim, conhece pela primeira vez em três anos o gosto da unanimidade nacional. "O esquema me ajuda, o time deixou de ser tímido e parou de correr mais que a bola. Acima de tudo, eu me sinto reconfortado em ver as coisas darem certo. Estou feliz. Sinto alegria em jogar futebol", diz, sorvendo chimarrão em seu apartamento.

Em 1985, apenas com 19 anos, Taffarel assumia a camisa 1 do Inter. Sua frieza e segurança características o mantiveram por cinco anos como titular absoluto do time colorado, sendo escolhido o melhor da posição no Brasileiro de 1987 e 88. Não conquistou nenhum título, mas compensou na Seleção.

Taffarel, craque número 1

EM APENAS DOIS ANOS COMO TITULAR DO INTERNACIONAL, O JOVEM E TALENTOSO GOLEIRO TORNA-SE O VERDADEIRO SÍMBOLO DO TIME

POR DIVINO FONSECA

Felipe Pereira, de 6 anos, estava indeciso se entrava para a escolinha do Internacional ou a do Grêmio. Perguntou à mãe onde jogava Taffarel e definiu-se: "Então escolho o Inter". Leonardo Vidal, de 7, era gremista, como os pais, queria ser goleiro e até ganhara luvas tricolores. Continua pensando em se transformar num camisa 1, só que vive pedindo ao pai que compre umas vermelhas. E justifica: "Taffarel é do Inter".

Na escolinha do clube, cada vez mais garotos aparecem querendo ser goleiros. Quando o treino dos profissionais se realiza do lado de fora do Beira-Rio, no gramado suplementar, dezenas de meninos disputam um lugar atrás do gol de Taffarel, para aplaudi-lo, dar palpite ou simplesmente ganhar um "oi" do craque. "Um dia desses, eu vinha pela rua e uma menininha, no colo da mãe, gritou meu nome e me atirou um beijo", conta. "Fiquei emocionado."

Receita do sucesso

Em Porto Alegre, vivem-se os dias da criação de um ídolo — o momento que o jogador deixa de ser astro apenas de uma equipe para ser admirado por toda uma comunidade. Cláudio André Mergen Taffarel, titular do Inter há dois anos, faz lembrar Manga, que defendeu o time de 1974 a 1977 e era aplaudido também pelos rivais mesmo antes de se transferir para o Grêmio, em 1979. Ao contrário de Manga, porém, que dividia a veneração com vários outros craques colorados, Taffarel disparou na preferência dos torcedores. "Falou o nome do clube, as pessoas pensam nele", observa o treinador de goleiros Luís Carlos Schneider.

Por quê? O primeiro motivo é óbvio: trata-se, aos 21 anos, de um grande goleiro. João Saldanha, que o viu jogar duas vezes nos Jogos Pan-Americanos de Indianápolis, ficou impressionado. "Gostei da segurança e da personalidade dele. O cara parece um veterano."

O segundo motivo pode ser a estampa de Taffarel: embora não seja dono de um rosto de galã de novela, ele é jovem, alto e loiro. "O visual ajuda, sim", opina Raul Plassmann, ex-goleiro e ídolo do Cruzeiro e do Flamengo.

E existe, ainda, um terceiro ingrediente nessa receita de sucesso: a simplicidade. "Podia ser um deslumbrado, pela pouca idade, mas não é", ressalta seu técnico, Ênio Andrade. "O Alemão voltou da Seleção como se tivesse ido ali na esquina. Continuou brincalhão e responsável."

Segundo Ênio Andrade, uma das razões para Taffarel ser tão bom já nessa idade é sua coordenação motora, que o torna apto para qualquer tipo de exercício. O atributo vem de longe. Em Santa Rosa, cidade onde nasceu, o menino Cláudio praticava todas as modalidades de esporte. "Mas meus preferidos eram futebol, vôlei, handebol e natação", brinca. E assegura que o vôlei ajudou muito o goleiro que viria a ser. "Ganhei impulsão, reflexo, agilidade e a noção do tempo certo da bola."

Com tanta vocação para os esportes, seria um milagre que fosse também bom

SERGIO BEREZOVCKY

"No Natal, se ele ganhava um caminhãozinho ou outro brinquedo chorava: queria bola."

DONA LOURDES, MÃE DE TAFFAREL

de livros. "Eu precisava mudar de colégio para passar de ano", confessa o segundo filho do caixeiro-viajante Ivar Taffarel e de dona Lourdes. Essa qualidade ficou para o mais velho, Fabiano, hoje com 22 anos, e Débora, 18, que moram com o mano famoso em Porto Alegre. "No Natal, se ele ganhava um caminhãozinho, chorava: queria bola", recorda dona Lourdes.

O adolescente Taffarel fazia horrores no gol do Tupi, um time amador local. Duas vezes, em 1981, e 1984, tentou a sorte no Grêmio. Por que o tricolor? "Porque era o único que tinha representante na cidade", explica. "Sempre fui colorado", jura. Só que não deu certo. "Eu estava mal fisicamente."

Ainda em 1984, Papico, seu técnico no Tupi, depois de prepará-lo durante um mês numa piscina, despachou-o para o Inter. Chegou no dia 14 de março, fez dois testes e assinou ficha. Em setembro, era campeão brasileiro de juniores pela Seleção Gaúcha. Três meses mais tarde, deu a volta olímpica no Sul-Americano da categoria, com a camisa da Seleção Brasileira. Em 1985, quando voltou de Moscou com o título do Mundial de Juniores, entregaram-lhe a camisa de titular dos profissionais. Mas o medalha de ouro de Indianápolis conserva os pés na terra. "Ainda não fui campeão gaúcho nem brasileiro", pondera.

Na verdade, a personalidade de Taffarel tem duas facetas: a do adolescente e a do senhor responsável. O senhor ele é, por exemplo, no comando do apartamento de dois quartos. Ali, sustenta Fabiano, que cursa o primeiro ano de Odontologia, e Débora, às voltas com o cursinho para o vestibular. Só com o estudo de Fabiano ele gasta 10 000 cruzados mensais. Veste os irmãos e lhes dá mesada. Com tantas despesas e recebendo um salário de 50 000 cruzados, teve de fazer economia para comprar seu Monza. "Não me queixo. Quero ver os manos numa boa."

Distraído e generoso

O lado adolescente sai quando se revela o rei dos distraídos. Um dia desses, resolveu tomar leite antes de ir para o treino. Colocou-o para esquentar e, quando voltou à cozinha, a leiteira estava derretendo. Marquinhos, colega de Inter, acha-o excessivamente generoso e obteve uma prova disso na semana passada. "Comprei meio quilo de mel puro", anunciou Taffarel. "Puro mesmo?", perguntou Marquinhos. "O cara disse que é. Cobrou 300 cruzados", informou o goleiro. "Eu te conseguiria 1 kg do puro, garantido, por 100 cruzados."

Foi Marquinhos, aliás, quem lhe apresentou sua atual namorada, Patrícia Longhi, uma morena de 17 anos. Ela está impressionadíssima com o romantismo de Taffarel. "Toda vez que vou a Porto Alegre, sou esperada com um buquê de rosas". O casamento não está nos planos imediatos do goleirão. Antes, pretende comprar uma casa com o dinheiro do próximo contrato. "Quero trazer meus pais para cá", afirma. Assim, comendo em horas certas e tendo o apoio psicológico dos velhos, espera-se um goleiro melhor do que já é e um ídolo com mais admiradores do que já tem.

Considerado o melhor lateral do Inter na década de 80, Luiz Carlos subiu para o time profissional aos 17 anos. Atuou nas duas laterais e até mesmo como volante. Com o colorado, venceu o Campeonato Gaúcho em 1981, 82/83/84 e 1991, sempre como um dos líderes da equipe.

Luiz Carlos: O capitão bem-amado

A HISTÓRIA DO LATERAL-DIREITO DO INTERNACIONAL QUE ESTAVA COM UM PÉ NO PALMEIRAS, MAS DECIDIU FICAR NO BEIRA-RIO PARA A FELICIDADE DA NAÇÃO COLORADA

POR DIVINO FONSECA

Winck quase foi para o Palmeiras, mas seu amor pelo Inter falou mais alto

O lateral-direito Luiz Carlos estava acertado com o Palmeiras. Aguardava apenas que os paulistas formalizassem a proposta ao Internacional. Era dezembro, perto do Natal, e os parentes foram contar a novidade ao seu avô paterno, Alberto Winck, de 87 anos. Primeiro, vô Alberto fez um ar de surpresa. Depois, com uma imensa tristeza nos olhos, perguntou: "E agora, quem é que vai cuidar de mim?"

Ora, Luiz Carlos nunca cuidou de seu avô, que, como os outros familiares, mora em Portão, a 48 km de seu apartamento em Porto Alegre. Mas, quando lhe contaram a cena, produziu-se na cabeça do neto predileto um delicado e quase intransponível obstáculo à sua saída do clube onde é capitão e líder.

Os torcedores encarregaram-se de erguer outros muros. Um dia, uma velhinha telefonou ao advogado Luís Carlos Mello, que intermediava o negócio, e lascou: "Escuta aqui, doutorzinho, eu sei que o senhor está querendo levar o nosso capitão. O senhor pare com isso. Eu já sofri três enfartes e não quero morrer no próximo, ao saber que ele foi vendido".

Muito emotivo

Essas demonstrações de afeto foram minando o entusiasmo de Luiz Carlos pela transferência. Assim, quando o Inter lhe fez a proposta de renovação do contrato, o assunto que se prenunciava espinhoso resolveu-se em duas reuniões. "Sou mesmo muito emotivo", confessa o jogador.

Bem, não vamos ser hipócritas a ponto de afirmar que o dinheiro não pesou. Entre luvas e ordenados, o Inter lhe paga algo em torno de 600 000 cruzados mensais – atualmente o maior salário do futebol gaúcho. Se fosse vendido para o Palmeiras, porém, os 15% do valor do passe mais as luvas e salários que iria receber resultariam numa renda mensal maior. "Foi aí que entrou o sentimento,

acho, para preencher a diferença", arrisca, com o olhar perdido. Tudo isso por um lateral?

Tudo isso. Acontece que, de certa forma, o salário de Luiz Carlos se divide em duas partes: uma, pelo que faz objetivamente, e outra, pelo que representa para o time. O lateral-direito, 25 anos, é um belo jogador, que foi convocado para a Seleção Brasileira, em 1985. Ganhou a Bola de Prata de PLACAR naquele ano e, na primeira Copa União, voltou a conquistar o troféu com todo o mérito.

Já o capitão Luiz Carlos é uma espécie de reserva moral da equipe. Acreditando-se que o Inter chegou a vice-campeão brasileiro sem ter time para isso, lida-se com uma fantasia – mas, uma vez dentro desse campo, deve-se creditar grande parte da façanha a Luiz Carlos, que levou os companheiros a se rebelarem contra a lógica. "A gente estava morto e de repente lá vinha ele nos empurrando para a reação", explica o meia Luís Fernando.

Guerreiro demais

O capitão colorado impõe-se ao time mais por exemplos do que por palavras. "Hoje está mais equilibrado, mas houve tempo em que eu achava que ele era guerreiro demais", atesta o técnico Abílio dos Reis, que o recebeu nos infantis, em 1977, e logo viu um futuro craque naquele menino de 14 anos vindo de Portão. Único problema mesmo era o temperamento. "Ele disputava a bola fogosamente e vivia se machucando", lembra Abílio. "E, quando recebia uma falta desleal, virava fera."

Igualzinho àquele menino do time do Cometa, de Portão. "No Cometa ou no time da minha oficina mecânica jamais apareceu jogador de tanta garra", conta João Timóteo, o Bugica, técnico daquelas duas equipes. Bugica talvez exagere, pois em uma das lendas da região de Portão corre que, em matéria de garra, Cláudio Winck foi insuperável. Era o pai de Luiz Carlos e artilheiro do Cometa.

Certa vez, Cláudio Winck entrou rachando na área e foi escorado pelo goleiro adversário com uma solada no peito. Desmaiou. Ao acordar, meia hora depois, fez questão de voltar a campo e meteu o gol da vitória. Nunca mais jogou, porém. Adoeceu e, quatro anos depois, aos 28 (Luiz Carlos tinha 7), morreu de câncer. A família acredita que tudo começou naquela partida.

O pai adoraria ver seguida a tradição de garra da família em seus dois filhos profissionais – o outro é o volante Sérgio Winck, 21 anos, revelado pelos juniores do Inter e atualmente emprestado à Internacional de Limeira.

Ânsia de vencer

Essa característica hereditária também deixou marcas no lateral. A cicatriz no joelho direito é de uma operação de ligamento – estourado justamente num jogo dos juvenis colorados contra a Mecânica Bugica, numa preliminar do Beira-Rio. A marca no ombro direito é de uma cirurgia que se seguiu a uma violenta luxação de clavícula. E foram várias torções de tornozelo e outros traumatismos. "Ânsia de vencer", resume Luiz Carlos.

Há lesões, entretanto, que vêm para o bem. A da clavícula, por exemplo, resultado de um choque com Renato Portaluppi num Gre-Nal de 1982. Ele, que era volante nos juniores, só tinha vaga na lateral-esquerda. Ao se machucar deu vez a André Luís, que ficou dono da posição. Quando se recuperou, já em 1983, Edivaldo tinha sido vendido – e um teste na lateral-direita revelou o craque.

"O engraçado é que quase voltei ao meio-campo", recorda Luiz Carlos. Foi há dois anos, a pedido do técnico Homero Cavalheiro. Aí, entrou em cena dona Hilza, sua mãe. "Leve em conta que você já chegou à Seleção como lateral-direito", ponderou a sábia senhora.

Dona Hilza, mansidão em pessoa, vive atenta também aos excessos de temperamento do filho. Depois do Inter 1 x 0 Cruzeiro, no Mineirão, pelas semifinais da Copa União, quando um microfone aberto captou um palavrão de Luiz Carlos para Careca, ela telefonou: "Que feio, filho!" Luiz Carlos tentou argumentar: "Mas ele me quebrou um dente com uma cotovelada, mãe..." Não teve desculpa: "Pensa no inverso: se ele tivesse xingado tua mãe, tu irias gostar?"

Instalado numa rede na sacada de seu apartamento, Luiz Carlos recorda o diálogo com um sorriso benevolente e diz que, em parte, são essas pequenas delícias da vida familiar que o prendem a Porto Alegre e Portão. Embora assediado pelas mulheres (só de cartas são em média vinte por semana), pode-se dizer que leva uma vida ajuizada. "Deus lhe tirou o pai, mas deu o Edi", agradece dona Hilza, referindo-se a Edi Marques, 65 anos, massagista do Inter que mora com Luiz Carlos há três anos.

Sem namorada

Pai e mãe, é Edi quem lhe prepara as fornidas refeições e as vitaminas de abacate que o ajudam a manter seu invejável preparo físico. "Com as mulheres que tem, esse aí não precisa de namorada", malícia Edi. O guerreiro do Beira-Rio é o galã do time, mas se confessa "comedido". Admite que está sem namorada firme há dois anos, desde que rompeu noivado com Anete, herdeira da Nische, de Portão, uma das maiores fábricas de calçados do Vale dos Sinos. "Não sou mulherengo", declara solene. "Construí uma imagem de atleta responsável e é isso que prezo."

Afirma também que conseguiu quase tudo o que ambicionava. Falta um título brasileiro e voltar à Seleção. "Fui mal lançado naquela Seleção do Evaristo", analisa. "Ela não acrescentou nada a ninguém que participou dela." Ainda há bastante tempo. "Vou voltar", diz. "Quando fixo um objetivo, não tem quem me segure."

Isso se sabe. Enquanto ele não veste a camisa amarela, porém, os colorados vão curtindo suas sempre vibrantes atuações com a vermelha do Internacional. ○

"Fui mal lançado naquela Seleção do Evaristo. Ela não acrescentou nada a ninguém"

LUIZ CARLOS WINCK

O atacante defendeu o Inter de 1987 a 89. Em 1989, foi o autor do gol da vitória colorada por 2 x 1 no considerado "Gre-Nal do Século". Mas Nílson perdeu um pênalti contra o Olimpia, na Libertadores, quando o Inter precisava apenas de um empate. Começava ali a sua derrocada.

No Inter, Nílson viveu momentos antagônicos, de herói no Gre-Nal a vilão na Libertadores

Artilheiro sim, centroavante não

O CAMISA 9 DO INTERNACIONAL CONSTRÓI SUA FAMA COM MUITOS GOLS, MAS COM SIMPLICIDADE DIZ QUE ESTÁ JOGANDO NA POSIÇÃO ERRADA

Para Raul Plassmann, comentarista da Rede Globo, não existe hoje no Brasil atacante melhor do que Nílson, o centroavante do Internacional, que, antes de enfrentar o Flamengo, havia marcado oito gols em sete jogos — a média dos grandes artilheiros.

Os elogios vêm de todo o país. "Vamos guardar esse nome: ele será um dos nossos maiores goleadores", avisa o zagueiro Edivaldo, do América. "Para conter Nílson, só com alguém colado nele o tempo todo", aprendeu o quarto-zagueiro Pereira, do Bahia, depois de seu time levar três gols do camisa 9 colorado numa só partida. E Dario Peito-de-Aço o define assim: "Ele é o retrato do Dadá artista quando jovem". No mínimo, então, pode-se afirmar que estamos diante de um centroavante.

O engraçado, neste momento que Careca e Romário estão na Europa e se saúda o aparecimento de um sucessor, é que há quem afirme não ser ele da posição — no caso, o próprio Nílson. "Eu sou é meia-direita, aquele meio-campista que vem de trás", enfatiza. Seu irmão Marcelo, 15 anos, meia-esquerda dos juvenis do Botafogo de Ribeirão Preto, ecoa, no interior de São Paulo: "Meu irmão é meia". Passando pelo avô João, que lhe ensinou os primeiros chutes, o pai Sebastião, a mãe Diva e as duas irmãs, toda a família acha o mesmo. Parte da imprensa gaúcha também. Mas, no fun-

do, isso é puro preciosismo. Nílson, no final das contas, é um homem na posição errada que dá certo.

Tão curioso quanto essa ociosa discussão é o fato de muita gente ligada ao futebol ainda não conhecer a maior revelação da Copa União, que fará 23 anos no próximo sábado, 19. "Alguma qualidade deve possuir, pois é o artilheiro da Copa, mas nunca vi jogar", confessava João Saldanha na semana passada. "Quem? Nílson? Não conheço", desculpou-se Bebeto, do Flamengo, na semana passada. Os dois, desde já rivais por uma vaga na Seleção, seriam apresentados domingo, no Beira-Rio.

Simultâneos, o brilho e a obscuridade do artilheiro fazem pensar. O brilho, no poder de renovação do futebol brasileiro. Já a obscuridade bem pode simbolizar a cegueira dos dirigentes dos grandes clubes — sobretudo os da capital paulista. Jogando no XV de Jaú, ele foi o terceiro artilheiro do campeonato, com 14 gols. Mas ninguém achou que ele valesse os 70 milhões pedidos pelo clube, em setembro. Foi preciso um mercador de passes, Juan Figer, contratá-lo e emprestá-lo ao Inter para que ele saísse do semi-anonimato. "Os dirigentes não sabem distinguir o caro do barato", goza Figer. "O Santos ainda chegou aos 50 milhões. Os clubes paulistas só querem saber de estrelas", protesta o próprio Nílson, na vitrine, enquanto espera o empresário negociá-lo com a Europa.

Tirando as fantasias sobre sua verdadeira posição e o rolo que envolveu a compra de seu passe, a vida do artilheiro em Porto Alegre é muito simples — tão simples quanto os gols que marca, vindo de trás e dando apenas um toque na bola. Ele divide um apartamento com o meio-campo Valdir, no bairro Menino Deus. "É meio mandão", revela Valdir, destacando o senso de organização do companheiro. Na hora de ir para o estádio, os dois caminham duas quadras por uma rua de jacarandás floridos e pegam uma carona do centroavante Dadinho. Carro? "Deixei o Gol com meu pai, em Santa Rita do Passa Quatro. Aqui, por enquanto, não preciso." Nílson se define como um tipo retraído, quase desligado. Na concentração, é difícil tirá-lo para uma rodinha de papo. Só três semanas depois de chegar ao Beira-Rio é que descobriu que uma pequena construção ao lado do estádio não era um almoxarifado, e, sim, uma capela — e, católico que é, passou a ir às missas.

Mas o apelido de "Pacato" ele ganhou dos companheiros da Platinense, do interior do Paraná, por quem foi campeão da Segunda Divisão, em 1985. "Eu quase não falava. De repente, num momento de euforia, passei a botar apelido em todo mundo. Aí, acharam que eu era como o gato 'Pacato', dos desenhos do He-Man", explica. Segundo ele, só se solta quando vai à casa de samba Tudo É Brasil, perto de onde mora, e lá encontra o zagueiro Amaral, do Grêmio. "O samba mexe com a raça", diz.

Mas Nílson sai pouco. A maior parte do tempo de folga, ele fica em casa vendo TV e fazendo palavras cruzadas. Ou então, admite, chorando as saudades de Santa Rita do Passa Quatro, onde nasceu, e de Sertãozinho, para onde a família se mudou quando ele tinha 15 anos.

Saudade da namorada Marielza Lopes, de 20 anos. Da comida de dona Diva, que ele come até de madrugada, levantando escondido para ir mexer nas panelas. Das peladas com os amigos. "Na última, levei um drible debochado do mano Marcelo e levantei ele com um pontapé. O moleque chorou mas aprendeu a se comportar", conta, rindo.

"Bastou convencer o moço a ter calma na área, a zona onde o centroavante está protegido pela Constituinte."

DARIO, QUE ENSINOU O TOQUE SUTIL A NÍLSON

NICO ESTEVES

Em Sertãozinho, jogando no time da usina de cana-de-açúcar em que trabalhava, Nílson descobriu que o avô João tinha razão ao lhe prever um futuro só de bola. Em um mês, Alcides Balbo, dono da usina e do Sertãozinho Futebol Clube, transferiu-o para o estádio. "Minha estréia foi no Dia das Mães de 1983. A minha, toda orgulhosa, estava lá. O time perdia de 2 x 0 e mandaram eu entrar. Me bateu uma tremedeira, mas marquei os dois gols do empate."

Em 1984, ele serviu o Exército. No ano seguinte, foi emprestado à Platinense e, em 1986, ao XV de Jaú, que o comprou por 50 000 cruzados uma temporada depois. No ano passado, durante três meses, disputou o Módulo Azul pela Ponte Preta. Dario, seu técnico na época, conta: "No primeiro treino, pus o braço no ombro dele e perguntei: 'Você quer ficar rico?' Era só questão de burilar o futuro craque". Para quem acha que o rei Dadá é só galhofa, Nílson revela: "Eu chegava na frente do goleiro e dava um chutão. Foi Dario que me ensinou o toque sutil". Ainda de Dario: "Bastou convencer o moço a ter calma na área, a zona onde o centroavante está protegido pela Constituinte".

Apesar do estágio com o mestre, ao voltar ao XV de Jaú, este ano, Nílson cismou com o técnico José Poy que deveria ser meia. Poy concordou. Quando Anderson, o centroavante titular, foi para a Seleção de Juniores, o técnico pediu que Nílson jogasse na posição. Marcou tantos gols que, quando Anderson retornou, só restava o banco de reservas. "É, eu me saio bem nessa posição porque me dão liberdade de movimentos", apenas concede Nílson, sem atentar para o fato de que não é preciso jogar fixo na área para ser chamado de centroavante. Ou seja, que ele é o exemplo vivo do que os técnicos querem de um moderno camisa 9.

Dizem que, no início da carreira, Zequinha de Abreu, o célebre autor de Tico-Tico no Fubá, e de outros chorinhos, duvidava do próprio talento de compositor. Depois, Zequinha ganhou uma estátua na praça de Santa Rita do Passa Quatro, onde nasceu. No futuro, Nílson, que corre rapidamente da obscuridade rumo à fama, talvez ganhe uma estátua ao lado, com a inscrição: "A um grande centroavante".

Mas isso, como já se viu, é secundário. O importante é que ele faz gols.

Dono de um chute potente, Fabiano já foi apontado como o sucessor de Valdomiro no ataque colorado. Chegou ao Inter em 1996. Em 1997 já conquistava o Campeonato Gaúcho, fazendo o gol do título. E foi um dos responsáveis pela goleada de 5 x 2 contra o Grêmio no Brasileiro.

O bandido da luz vermelha

POR JOSÉ ALBERTO ANDRADE

ELE ESTÁ SOLTO E É PERIGOSO. FABIANO, O MATADOR, NÃO PÁRA DE APRONTAR EM CAMPO E FORA DELE

O apelido surgiu após o Grenal de agosto, quando o Internacional passou por cima do Grêmio impondo eloqüentes 5 x 2.

"Este é o verdadeiro Bandido da Luz Vermelha, matou metade do Rio Grande do Sul", diziam os colorados sobre o atacante Fabiano, autor dos dois gols e principal nome da goleada colorada. Um bandido alto astral, diga-se de passagem. Dono de um futebol alegre, de dribles e muita correria, Fabiano é também festa fora de campo. O atacante mineiro de 22 anos que veio do Juventus, de São Paulo, é daqueles ingênuos divertidos. Quando chegou ao Inter, caiu na besteira de dizer que ficaria um tempo no Sul para depois se transferir para um time grande do Rio ou de São Paulo. A torcida colorada não gostou nem um pouco da frase. Recentemente, declarou à *Veja*, ganhava 10 000 reais, sendo 5 000 "por fora". Pior do que a inconfidência, deixou-se fotografar com a carteira de trabalho na mão. A diretoria colorada queria matá-lo.

Fabiano em ação: uma série de contusões prejudicou a sua ascensão no futebol

Desprovido de maldade, Fabiano diz que gosta mesmo é de jogar bola. Driblador incorrigível, ele não despreza um corpo-a-corpo. "Quero que o lateral chegue junto", diz. "Eu sou um muro. O cara tromba e cai." Em campo, Fabiano está cada vez mais parecido com o Valdomiro, o ponta que fez história no Inter dos anos 70. É mesma camisa 7, a mesma velocidade e a mesma patada de direita. Os dois também se parecem no quesito "gol decisivo contra o Grêmio". Valdomiro marcou os dois gols do título gaúcho de 1978 e Fabiano foi o autor do gol que decidiu o estadual deste ano. "Do jeito que está jogando, ele chegará à Seleção", elogia o próprio Valdomiro.

Clone de Valdomiro em campo, Fabiano está mais para Renato Gaúcho — outro ilustre camisa 7 dos pampas —, fora das quatro linhas. O lado moleque e irreverente, o gosto assumido por festas, mulheres e cervejinhas têm muito mais a ver com o atual ídolo da torcida flamenguista. Quando assinou o contrato com o Internacional, nem passou pela sua cabeça investir em uma casa ou fazer poupança. A bolada se transformou instantaneamente num BMW novinho em folha.

Compromissos com hora marcada? Melhor não contar com Fabiano. A assessoria de imprensa do Internacional preparou uma foto do grupo para fazer um cartão postal. Convocação obrigatória. O postal ficou ótimo, com todos os jogadores formados. Quer dizer, quase todos. Faltaram Enciso, que estava servindo à Seleção Paraguaia, Mabília, então no Japão, e Fabiano, que não deu as caras. "Estava dormindo", justifica-se com a maior cara lavada.

Seu estilo desligadão quase muda a história recente do futebol. No dia do Grenal dos 5 x 2, o ônibus do Inter arrancou da concentração rumo ao Estádio Olímpico. Andou 200 metros até que alguém gritou: "Pára! O Fabiano ficou". Minutos depois, aparece o retardatário com um ar despreocupado: "Eu tava no banheiro e nem vi o pessoal sair." O Bandido da Luz Vermelha, então, não só embarcou no ônibus como jogou o Grenal, marcou dois gols e fez a maior partida da sua vida. No segundo gol, correu para a galera e, sufocado pelos microfones de rádio, fez a dedicatória ao melhor estilo Fabiano: "Este gol...Este gol vai...Vai pra todo mundo, pô!"

Fabiano adora ser sorteado no antidoping. "É bom, eles dão cerveja de graça pra gente."

As fabianadas

Fabiano e Arílson passam horas combinando uma coreografia para um gol. Durante o jogo, Arílson marca o gol e cada um corre para um lado diferente. Justificativa: "Na emoção, esquecemos do combinado", diz Fabiano.

Um fotógrafo pergunta o endereço de casa ao jogador para uma sessão de fotos. "Não sei o nome da rua, nem o número, só sei ir até lá", desculpou-se. "Mas eu olho amanhã o endereço e te digo", tranqüilizou o jogador. Dito e feito. Fabiano foi para casa, anotou o endereço e passou para o fotógrafo — com o número do edifício e do apartamento invertidos.

Surgiu o boato de que Fabiano iria para o futebol alemão. O jogador descartou de cara. "Para lá eu não vou. O Arílson disse que lá nem no McDonald's eles entendem a gente. Como é que eu vou comer?"

O Inter faria um amistoso em Santa Catarina. Desligado do calendário do time, Fabiano foi questionado por um repórter se iria para Florianópolis. "Eu não, não tenho parentes lá e a minha família é de Minas."

"Ser sorteado para o antidoping? É bom, eles dão cerveja de graça para a gente"

Fabiano, mostrando a carteira de trabalho e provando que ganhava por fora: sempre polêmico

Lúcio chegou como quem não queria nada e acabou se transformando no grande líder do Internacional nos últimos anos. Sua garra e vibração conquistaram a confiança tanto de companheiros quanto da torcida colorada. Tais qualidades o levaram à Seleção Brasileira e ao penta.

POR JOSÉ ALBERTO ANDRADE

Luz vermelha

QUE RONALDINHO, QUE NADA! LÚCIO ROUBOU PARA SI O BRILHO DE ESTRELA DO FUTEBOL GAÚCHO E VIROU LÍDER DO INTER, MANTENDO A TRADIÇÃO COLORADA DE GRANDES ZAGUEIROS

Na história do futebol, o primeiro sinal de que um time de legenda poderia surgir no Rio Grande do Sul foi um zagueiro. Era início dos anos 70, quando um becão chileno, com cara de mau e futebol de craque, apareceu para o Brasil vestindo camisa vermelha: Elías Figueroa. Até o ano anterior, se alguém pensasse em um jogador do Sul capaz de encantar o país desviaria seus olhos para o Olímpico — o lateral gremista Everaldo foi titular na Copa do México, em 1970. De Figueroa em diante, uma série de zagueiros tingiu o Brasil com o vermelho do Internacional. O paraguaio Gamarra foi o último da lista.

Agora pense: que craque do Rio Grande podia ser apontado como titular da Seleção antes de o Campeonato Brasileiro começar? A resposta era Ronaldinho, que, como Everaldo, pertence ao lado azul da cidade. Só que o minuano soprou para o Beira-Rio como não fazia há tempos. Ronaldinho deixou de ser unanimidade e o zagueiro Lúcio virou titular da Seleção. O primeiro sintoma de que as coisas estão melhorando no Inter.

Lúcio é o herdeiro de uma escola de zagueiros que teve Mauro Galvão, Aloísio e Gamarra, depois de Figueroa. Levou os colorados às finais do Brasileiro, pela primeira vez desde 1997. Virou símbolo da política do clube, obrigado a adotar soluções baratas. Num tempo em que os salários atrasam, o time luta, no seu ritmo. "Não gosto de perder e cobro todos."

Seu salário não chega às cifras de Enciso, Elivélton e Fabiano (o teto é de 40 mil reais, o zagueiro ganha 30 mil reais). Em vez de brigar pelo seu próprio bolso, Lúcio lidera os colegas na hora em que o calo aperta. Se os salários atrasam, é ele quem negocia com a presidência. Sinal de respeito, coisa que poucos, depois de Falcão e Figueroa, conquistaram por lá. Cobra pagamentos, mas exige dedicação dos colegas. Seus gritos vêm fazendo efeito. Virtualmente eliminado na fase inicial, o Inter buscou a classificação sabe-se lá de onde na reta final. Nas oitavas, contra o Atlético-PR, fez o quase impossível. Em dia de Gordon Banks, o goleiro Hiran pegou tudo e o Inter virou o jogo com dez homens, na Baixada.

Sabe também que é uma equipe que entende a receita, feita de economia. Os dirigentes criaram uma comissão batizada "multidisciplinar", que resolve o que fazer em situações que variam de um treino técnico a sessões de neurolingüística. A política exige olhos abertos para catapultar as revelações dos juniores.

No Brasileiro, houve casos em que isso deu certo por acaso. Um exemplo foi a promoção de Fábio Rochemback, 18 anos, que estreou na vaga de Carlinhos, machucado, e fez os colorados o apontarem como o melhor meio-campista desde Falcão. Eterna referência, Falcão reconhece as virtudes de Fábio, mas alerta: "Ele é diferenciado e tem um futuro brilhante. Só é preciso cuidar para não se fazer um julgamento exagerado que o prejudique". Espera-se que o grave acidente de carro que sofreu no último dia 26 também não prejudique Fábio.

Beijando a aliança, na comemoração de um gol: Lúcio também sabe bancar o centroavante

FOTOS EDISON VARA

Para preparar os novatos é preciso liderança, missão que foi de Figueroa nos anos 70 e pertence a Lúcio hoje em dia. "No passado, eu assistia às preliminares e começava a preparar os meninos para o time de cima", lembra Figueroa. Lúcio está no mesmo caminho. Mas liderança é papel também do técnico Zé Mário, que tenta tirar o melhor de cada um à base de energia. "Ele é muito chato", afirma o goleiro Hiran. Com Zé Mário, o Inter ganhou um estilo "família". Hiran pôs o nome de João Gabriel no filho, homenagem ao próprio reserva. "Gosto muito do João. Espero que meu filho seja bom como ele", diz. Leandro Guerreiro e Fábio Rochemback descobriram que são primos, conversando sobre suas famílias.

Nos últimos anos, o Inter conviveu com jogadores que diziam formar um "time sem estrelas" e que a crítica definia como "empurrados pela torcida". Eufemismos para equipes limitadas, cuja força resumia-se às arquibancadas. O conceito mudou com a classificação e com Lúcio na Seleção. Até os mais odiados pela torcida, como o meia Marcelo, se desdobram para manter a boa fase.

Os resultados do fim do ano 2000 importam pouco na realidade. Passar da primeira fase já é um sintoma de que 2001 será bem melhor. Ver Lúcio se firmar na Seleção Brasileira também. "Estou no Chile, mas meus amigos gaúchos dizem que, enfim, apareceu meu verdadeiro sucessor", diz Figueroa. Essa liderança de Lúcio é o que mais pode ajudar o novo Internacional.

"Não gosto de perder de jeito nenhum e cobro todo mundo"

Não há dúvida. Falcão foi e é o maior ídolo que o Inter já teve. De técnica apurada e grande visão de jogo, o rei dos colorados participou das conquistas mais importantes do time; Brasileiros de 1975, 76 e 79, Gaúchos de 1974, 75, 76 e 78. Os títulos, para quem o viu jogar, porém, foram o de menos.

Asas do Falcão

FORAM ANOS INESQUECÍVEIS. O INTER VOAVA BAIXO. NO COMANDO, UM VOLANTE QUE TEIMAVA EM JOGAR BONITO. O CELEIRO DE ASES DO BEIRA-RIO ERA CONDUZIDO PELAS ASAS DE SEU MAIOR ÍDOLO

POR SÉRGIO XAVIER FILHO

"Quem é aquele loirinho bom de bola?", perguntavam os torcedores precavidos que chegaram mais cedo ao Beira-Rio naquele dia 17 de julho de 1972. "Parece que joga no nosso time juvenil", respondiam os colorados bem informados. O loirinho se chamava Falcão, era volante da Seleção Olímpica do Brasil que jogava contra o Hamburgo na preliminar de Brasil 3 x 3 Seleção Gaúcha. O loirinho era um carrapato na marcação, exibia um técnica refinada e ainda marcou dois gols na vitória da Seleção Olímpica por 4 x 1.

Os torcedores demoraram mais de um ano para rever o tal loirinho. O ídolo Carbone, titular absoluto do Inter, foi vendido ao Botafogo e o técnico Dino Sani precisava encontrar um substituto para a posição. O bom senso recomendava escalar o competente reserva Tovar. Carbone protegia a zaga como poucos, Tovar era bom de lançamento, subia mais ao ataque. O loirinho, então com 19 anos, fazia as duas coisas. Dino Sani arriscou colocar o garoto em campo e, duas partidas depois, profetizou. "Joga uma barbaridade, tem tudo para se tornar um dos maiores jogadores do Brasil."

Dito e feito. Da estréia, em agosto de 1973, Falcão nunca mais tiraria a camisa titular do Inter. Mais do que isso, mostraria uma versatilidade incomum jogando ora de volante, ora de meia. Certo, teve companhia ilustre. Ao seu lado estavam Carpegiani, Batista, Caçapava, Jair, Mário Sérgio e outros. À frente, Claudiomiro, Flávio Minuano, Valdomiro, Lula etc. E atrás, Figueroa, Marinho Peres, Manga, Mauro Galvão...

Só que Falcão não foi coadjuvante de ninguém. Foi protagonista, desde o princípio. Com 20 anos, elaborava frases de veterano. "Desde garoto eu cultivei um certo virtuosismo, tinha vergonha de passar uma bola quadrada. Agora, recebo e toco. O Figueroa conta que também era assim quando jogava de volante, mas aprendeu. Eu estou tentando aprender", disse a Divino Fonseca, correspondente de PLACAR nos anos 70. Desnecessário dizer que ele aprendeu rápido. Qual colorado não se lembra da tabelinha com Escurinho e Dario na semifinal do Brasileirão de 1976 contra o Atlético-MG? Há exemplo melhor do "recebo e toco" que Falcão perseguia?

Foram quatro títulos estaduais, três brasileiros, o último, em 1979, de forma invicta. Campeonatos vencidos em duas equipes distintas. A primeira, um timaço que tinha Manga, Figueroa, Falcão e Dario como espinha dorsal. O segundo, menos redondo, com garotos em início de carreira e jogadores que nunca entrariam para a galeria dos imortais da bola. Pois Falcão fez bonito no primeiro time, brilhou no segundo. No Brasileiro de 1979, destroçou o Palmeiras na semifinal. Como esquecer do gol marcado em São Paulo em uma bola dividida que poucos arriscariam o pé? Ele ainda aniquilou o Vasco na final. Até Chico Spina se tornaria gênio naquele Sport Club Falcão.

Mais do que a liderança técnica, Falcão conhecia os atalhos do futebol. Sabia que não bastava fazer a sua parte, desarmar, driblar e lançar brilhantemente. Que adiantava começar bem uma jogada se o seu companheiro iria desperdiçá-la no momento seguinte? A cabeça do futuro técnico já dava seus primeiros palpites. Entendia que cada colega merecia tratamento diferente para que a equipe vencesse. "Tem jogador que só reage à base do grito. Outros, não. Se você desse um berro para o Valdomiro, matava o velho. Já o Jair, só no grito mesmo para correr", explica.

Dizer que o loirinho deu todas as alegrias aos colorados é verdade quase absoluta. Falcão, para tristeza geral, um dia foi embora. O Inter não resistiu aos dólares da Roma e vendeu o craque em 1980. E o vendeu na pior hora. O negócio foi fechado por 2,7 milhões de dólares quando o clube se aproximava da final da Libertadores-80. E as duas partidas finais foram disputadas contra o Nacional, do Uruguai, com Falcão vendido. Por mais que o jogador tenha tentado tirar da cabeça que já era da Roma, seus companheiros sabiam, a torcida sabia, os adversários se aproveitaram. No primeiro jogo no Beira Rio, Falcão ouviu "pipoqueiro", "vendido" e outras palavras menos refinadas. O Inter perdeu a Libertadores e seu maior craque.

Mas a mágoa não durou. Pelo contrário. De repente os colorados viraram tifosi, torciam de forma alucinada pela Roma, pelo Rei de Roma. Vibraram com o título conquistado pelo clube romano, quebrando um jejum de 41 anos. Abriram um sorriso sincero ao constatar que Falcão fora eleito um dos três maiores estrangeiros que passaram pelo exigente futebol italiano (os outros foram Maradona e Platini). Os colorados ainda se encheram de orgulho quando brilhou na Seleção de 1982.

Com a chuteira no pé, esse catarinense de alma gaúcha fez muito. Calçando elegantes sapatos, foi dono de hotel cinco estrelas, criou uma grife de roupa e tornou-se um dos melhores analistas de futebol do país. Tem uma coluna no jornal *Zero Hora*, analisa jogos pela Rádio Gaúcha, é comentarista da TV Globo e lançou um livro de histórias do futebol.

Falcão ainda voltaria ao Beira Rio para ser o técnico do Inter. E voltaria outras tantas vezes ao estádio que o projetou como comentarista e colunista de PLACAR. Paulo Roberto Falcão gravou o seu nome na história colorada como o maior craque de todos o tempos. E olha que o clube ainda teve mitos como Tesourinha, Figueroa, Manga...

ÉDISON VARA

"Desde garoto eu cultivei um certo virtuosismo. Tinha vergonha de passar uma bola quadrada"

O MUNDO DE ESPECIAIS PLACAR

PLACAR

Confira o vasto cardápio com todas as edições especiais publicadas em 2002 e o que ainda vem por aí...

COLEÇÃO COPA 2002

PLACAR NAS COPAS (ABRIL)
As reportagens de todos os jogos da Seleção Brasileira desde 1970 publicadas na PLACAR. **52 páginas, R$ 4,50.**

SELEÇÃO DO POVO (ABRIL)
Pesquisa revelando quem eram os preferidos da torcida e os perfis da Família Scolari. **52 páginas, R$ 4,90.**

GUIA DA COPA (MAIO)
O melhor guia com fichas e fotos dos 736 jogadores do Mundial de 2002. **148 páginas, R$ 6,80.**

O MELHOR DA COPA (JULHO)
A grande final, os 10 jogões, as 10 surpresas, as 10 decepções, as imagens mais incríveis, o tabelão completo. **114 páginas, R$ 6,90.**

PÓS-JOGO COPA 1, 2, 3, 4, 5 e 6 (JUNHO).
Seis especiais pós-jogos com fotos e textos das partidas do Brasil, perfis e tabelão da Copa. **36 páginas, R$ 3,90 cada.**

DVD A HISTÓRIA DO FUTEBOL 1, 2, 3 e 4 (JUNHO)
Quatro revistas com DVDs dos filmes oficiais da Fifa com os gols e melhores momentos das Copas de 30 a 98. **R$ 19,90 cada.**

O PENTA TAMBÉM É SEU (AGOSTO)
Livro do fotógrafo da PLACAR Ricardo Corrêa com as melhores imagens do Mundial 2002. **100 páginas, R$ 19,90.**

100 FOTOS DA SELEÇÃO (JULHO)
Especial de luxo com as 100 melhores fotos da Seleção Brasileira em todos os tempos. **100 páginas, R$ 9,90.**

PÔSTER BRASIL PENTA (JULHO)
O superpôster do Brasil, as fichas dos pentacampeões, autógrafos e a reportagem da final. **R$ 2,50.**

COLEÇÃO GUIAS E CAMPEÕES

EDIÇÃO DOS CAMPEÕES (JANEIRO)
Pôsteres de todos os campeões nacionais de 2001. Para guardar e colocar na parede.
48 páginas, R$ 4,50

PÔSTER CRUZEIRO SUL-MINAS (MAIO)
O superpôster do campeão, as fichas de todos os jogos e os destaques do time vencedor. **R$ 3,50.**

GUIA DO SEMESTRE (MARÇO)
Guia dos regionais, estaduais, Libertadores e Copa do Brasil com informações sobre os clubes participantes.
84 páginas, R$ 4,90.

PÔSTER CORINTHIANS RIO-SÃO PAULO (MAIO)
O superpôster do campeão, as fichas de todos os jogos e os destaques do time vencedor. **R$ 2,90 .**

100 FOTOS DO CORINTHIANS (MAIO)
Especial de luxo com as 100 melhores fotos do Corinthians em todos os tempos. **100 páginas,** R$ 9,90.

PÔSTER BAHIA COPA DO NORDESTE (MAIO)
O superpôster do campeão, as fichas de todos os jogos e os destaques do time vencedor.
R$ 3,50.

COLEÇÃO 13 CLUBES

GRANDES PERFIS
Os melhores perfis publicados na PLACAR desde 1970 de Flamengo, Corinthians, Atlético-MG, Internacional, Vasco, São Paulo, Grêmio, Cruzeiro, Fluminense, Palmeiras, Bahia, Santos e Botafogo. Em 13 edições especialíssimas.
52 páginas, R$ 4,90, a partir de setembro.

E o que vem por aí...

COLEÇÃO BRASILEIRÃO 2002

GUIA DO BRASILEIRÃO
O melhor guia com fichas e fotos dos 486 jogadores do Brasileiro de 2002, curiosidades, tabelas e muito mais. **128 páginas, R$ 6,90. Já nas bancas**

A HISTÓRIA DO BRASILEIRÃO
Especial acompanhado de CD-ROM que traz as fichas completas dos 11 065 jogos do Campeonato de 1971 a 2001.
32 páginas, R$ 6,90. Já nas bancas.

ALMANAQUE DO BRASILEIRÃO
Especial com mais de 100 perguntas sobre o Brasileiro, Tabelão de 2002, as imagens mais espetaculares, Bola de Prata, Chuteira de Ouro e muito mais. **100 páginas, R$ 6,90, nas bancas em outubro.**

REVELAÇÕES DO BRASILEIRÃO
Especial com os destaques do campeonato, as fotos coma assinatura PLACAR, Bola de Prata, Chuteira de Ouro e muito mais. **100 páginas, R$ 6,90, nas bancas em novembro.**

RETROSPECTIVA DO ANO
Especial com o que aconteceu de melhor no Brasileirão, Copa do Brasil, estaduais, Copa do Mundo e destaques do ano do futebol. Além do Tabelão do Brasileiro, Bola de Prata e Chuteira de Ouro. **100 páginas, R$ 6,90, nas bancas em dezembro.**

O MELHOR DO BRASILEIRÃO
Especial com os 10 jogões, as 10 surpresas, as 10 decepções, o Tabelão completo de todo o campeonato, o resultado final da Bola de Prata e da Chuteira de Ouro. Para as imagens mais espetaculares, Bola de Prata, Chuteira de Ouro e muito mais. **100 páginas, R$ 6,90, nas bancas no final de dezembro.**

VENDAS POR INTERNET

NO SITE WWW.PLACAR.COM.BR (LOJA PLACAR) É POSSÍVEL COMPRAR PACOTES DOS ESPECIAIS PUBLICADOS EM 2002

> Pacote Copa total:
Os seis especiais pós-jogo, o Melhor da Copa e o Pôster do campeão: de R$32,80 por R$19,90 mais frete.

**Para comprar algum revista específica basta pedir ao jornaleiro mais próximo*

> Pacote 4 DVDs:
Os quatro especiais História das Copas com os vídeos oficiais dos Mundiais de 1930 a 1998: de R$79,60 por R$69,90 mais frete.

> Pacote Corinthians:
O Almanaque do Timão, o especial 100 fotos do Corinthians e o pôster do campeão da Copa do Brasil: de R$22,70 por R$14,90 mais frete